



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E CULTURAS MIDIÁTICAS

EDIELSON RICARDO DA SILVA

A COR E O GÊNERO DA DESIGUALDADE:
AS MULHERES NEGRAS EM TELENÓVELAS DA REDE GLOBO

JOÃO PESSOA

2020

EDIELSON RICARDO DA SILVA

**A COR E O GÊNERO DA DESIGUALDADE:
AS MULHERES NEGRAS EM TELENÓVELAS DA REDE GLOBO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC), da Universidade Federal da Paraíba, área de concentração Comunicação e Culturas Midiáticas, linha de pesquisa Mídia, Cotidiano e Imaginário, como requisito para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Culturas Midiáticas.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Pereira Falcão

Coorientador: Prof. Dr. Derval Gomes Golzio

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação Seção de
Catálogo e Classificação

S586c Silva, Edielson Ricardo da.

A cor e o gênero da desigualdade: as mulheres negras em telenovelas da Rede Globo / Edielson Ricardo da Silva.

- João Pessoa, 2020.

101 f.

Orientação: Thiago Pereira Falcão. Coorientação:

Derval Gomes Golzio. Dissertação (Mestrado)

- UFPB/CCHLA.

1. Comunicação. 2. Rede Globo. 3. Telenovelas. 4. Gênero. 5. Cor. 6. Mulheres. I. Falcão, Thiago Pereira.
II. Golzio, Derval Gomes. III. Título.

UFPB/BC

CDU 316.77(043)

EDIELSON RICARDO DA SILVA

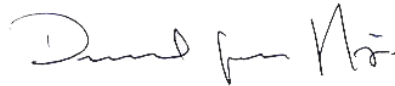
**A COR E O GÊNERO DA DESIGUALDADE:
AS MULHERES NEGRAS EM TELENÓVELAS DA REDE GLOBO**

Aprovado em: 27 / 02 / 2020.

BANCA EXAMINADORA



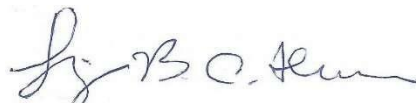
Professor Drº Thiago Pereira Falcão (UFPB)
Orientador



Professor Drº Derval Gomes Golzio (UFPB)
(Coorientador)



Professor Drº Assis Souza de Moura (UFCG)
(Examinador Externo)



Professora Drª Lígia Beatriz Carvalho de Almeida (UFCG)
(Examinadora Externa)

Dedico este trabalho a todos aqueles que me ajudaram a chegar até aqui. Minha família, namorada, amigos que sempre incentivaram, as várias pessoas que conheci nos congressos e me instigaram a ir em busca do que eu almejava, a todos os colegas de trabalho que incentivaram e outros que dificultaram a minha caminhada. Cada um deles e da sua maneira foram muito importantes para as minhas decisões. Dedico especialmente a todos os negros que sofreram e sofrem discriminações e que, mesmo assim, lutam para conquistar seus espaços.

AGRADECIMENTOS

*“E aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
das lições diárias de outras tantas pessoas.
É tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá.
É tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho
Por mais que pense estar...”*
(Caminhos do coração – Gonzaguinha).

A Deus, pela dádiva da vida e por me permitir realizar tantos sonhos nesta existência. Obrigado por me permitir errar, aprender e crescer sempre. Por Seu infinito amor, pela Sua voz “invisível” que não me permitiu desistir em momentos que as moedinhas para pagar as passagens estavam acabando e, principalmente, por ter colocado pessoas maravilhosas em meu caminho.

À minha mãe, Mariza, deixo um agradecimento especial, por todas as lições de amor incondicional, companheirismo, amizade, caridade, dedicação, abnegação, compreensão e perdão. Sinto-me orgulhoso e privilegiado por ter uma mãe tão maravilhosa.

À minha irmã, Edileuza, incentivadora desde o primeiro instante que manifestei interesse em cursar o mestrado. Sua compreensão, garra e força de lutar na vida me servem de inspiração e coragem para persistir nos sonhos e metas que tenho. A você o meu muito obrigado por isso e por todas as conversas e conselhos ao longo destes últimos 24 meses.

Ao João Davi, meu sobrinho, por todos os momentos que me desconcentrou e tirou a minha atenção na escrita e desenvolvimento da pesquisa. Esses momentos também foram importantes para que eu pudesse desopilar e brincar um pouco.

Agradeço a Tatiana, meu amor, que desde o momento da última fase de seleção do mestrado, em novembro de 2017, segura a minha mão. Você é um exemplo que nós estamos aqui para ajudar uns aos outros. Obrigado por toda dedicação, carinho, respeito e compreensão. Com você tudo se tornou mais leve.

Ao professor Derval Golzio, por todo o conhecimento compartilhado desde 2015, quando então fui aluno especial de sua disciplina até os momentos finais de revisão deste trabalho. Gratidão, respeito e admiração sempre por sua pessoa.

Aos professores Assis e Lígia, ambos da Universidade Federal de Campina Grande, que aceitaram o convite para compor a banca de qualificação e de defesa final. Obrigado pelo incentivo, confiança, por me acalmarem via mensagens de *WhatsApp* e por me orientarem sempre.

Ao amigo Flávio, uma figura ímpar e portador de um coração gigante e que o mestrado me deu para que eu o leve pra vida. Sem ele, meu caminho no curso teria sido bem mais árduo. Obrigado por compartilhar o seu pequeno espaço de moradia comigo em João Pessoa.

Aos amigos da turma do mestrado pelas conversas e desesperos coletivos.

Aos motoristas e cobradores da Empresa de Ônibus Rio Tinto, em especial a Flávio, Jailson e Da Silva que me traziam a João Pessoa sempre às 5h e me levavam às 16h. Eles também foram muito importantes para a escrita desta dissertação e término do curso. Agradeço pelas conversas, conselhos e incentivo.

Ao solícito Daniel que também foi crucial para que, no primeiro ano do mestrado, eu conseguisse chegar ao ponto de ônibus em Alagoinha antes das 5h da manhã para ir a capital assistir às aulas. Gratidão por todas as vezes que saímos debaixo de chuva, num frio intenso e por suas palavras de motivação e satisfação em me acompanhar e esperar o ônibus passar.

Agradeço a Julianne Correia (Coordenadora da Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba/ESPEP em 2018), Andréia Sobreira (Coordenadora da ESPEP em 2019), as assessoras técnicas Irlaneide Leal e Anna Apolinário por todas as convocações e oportunidades que me deram de ministrar cursos na escola. Vocês nem imaginam o quanto me ajudaram nessa batalha de iniciar um curso de mestrado sem bolsa e morando numa cidade que fica a 112 km da instituição. Sou imensamente grato por tudo e por todas as experiências docentes que vocês me proporcionaram.

Agradeço a Nathália Xavier, colega de turma e servidora da UFPB. Sem sua ajuda eu tinha qualificado e defendido debaixo das árvores do campus da universidade.

Aos meus ex-professores. Aqueles da extinta Escola Estadual Joaquina Moura (local em que aprendi a ler, escrever e realizar as quatro operações matemáticas), Escola Estadual de Demonstração, Escola Municipal Lia Beltrão, Escola Estadual Agenor Clemente dos Santos, Escola Normal de Alagoa Grande, Universidade Federal de Campina Grande, Universidade

Estadual da Paraíba e Universidade Federal da Paraíba o meu muito obrigado, pois sou uma soma de todos vocês.

Agradeço ao assistente social Iago Henrique, da Pró-reitoria de Pós-Graduação (PRPG) Universidade Federal da Paraíba (UFPB), setor de assistência social. Sou grato por sua preocupação, profissionalismo, dedicação, compreensão e incentivo.

Por fim, minha gratidão a todos que lutaram, apoiaram e contribuíram com a expansão das IES (Instituições de Ensino Superior), pela criação e expansão de diversos cursos de graduação e pós-graduação públicos no país.

A todos que contribuíram, de forma direta ou indireta, para a realização desta pesquisa o meu muito obrigado!

“Não há raças, o cérebro dos homens é o mesmo.
Existem racistas.
Nós devemos superá-los com as armas da sabedoria”
(Rita Levi-Montalcini).

RESUMO

O preconceito de gênero e cor ainda estão muito presentes na sociedade atual. Sob esta perspectiva, a presente pesquisa parte de um estudo que faz uma análise de duas telenovelas da Rede Globo: *América* (2005) e *O Outro Lado do Paraíso* (2017), que quando veiculadas tiveram uma audiência considerada e apresentaram mulheres negras em suas tramas, requisito para opção por elas. Analisou-se na íntegra estas telenovelas, totalizando um *corpus* de 375 capítulos de telenovelas, usando o método da Análise de Conteúdo (AC). Os resultados encontrados demonstraram que apesar da distância dos anos que foram colocadas no ar, as personagens destinados as negras, tempo de exibição oral delas, ocupações e outros continuam sendo praticamente os mesmos e pregando a inferioridade e submissão da negra quando comparada aos negros e, principalmente, aos brancos. Tais observações leva a conclusão de que, apesar de a Rede Globo já ter sido notificada por órgãos judiciais para que mude a maneira pela qual apresenta o contingente negro, ela continua a reforçar o racismo, quando então permanece com os mesmos comportamentos. A pesquisa discorre sobre todo o histórico do negro no país, surgimento da Rede Globo e do seu principal produto de exportação que são as telenovelas. Se fundamenta em diversos estudos já realizados e afins sobre a temática, a exemplo de teóricos e pesquisadores, tais como: Bardin (2011), Krippendorff (1990) Wimmer e Dominick, Árbex (1995), Araújo (2010), Munanga (1988) e outros.

Palavras-chave: Rede Globo. Telenovelas. Gênero. Cor. Mulheres.

ABSTRACT

Gender and color prejudice are still very present in today's society. From this perspective, the present research is part of a study that analyzes two soap operas from Rede Globo: *América* (2005) and *O Outro Lado do Paraíso* (2017), which when aired had a considered audience and featured black women in their plots, a requirement for choosing them. For this purpose, these soap operas were analyzed in full, totaling a corpus of 375 soap opera chapters, using the Content Analysis (AC) method. The results found showed that despite the distance in which they were placed in the air, the characters destined for black women, exhibition time, occupations and others remain the same and preaching the inferiority and submission of black women when compared to black people and, mainly, white people. Such observations and findings led to the conclusion that, although Rede Globo has already been notified by judicial bodies to change the way in which it brings the black contingent, it continues to reinforce racism in its soap operas, when it then remains with the same behaviors. The research discusses the entire history of blacks in the country and the emergence of Rede Globo and its main export product, telenovelas. It is based on several studies already carried out and related on the subject, such as theorists and researchers, such as: Bardin (2011), Krippendorf (1990) Wimmer and Dominick, Árbex (1995), Araújo (2010), Munanga (1988) and others.

Keywords: Rede Globo. Soap operas. Genre. Color. Women.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC: Análise de Conteúdo

CIDAN: Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro

EUA: Estados Unidos da América

FIOCRUZ: Fundação Oswaldo Cruz

IBGE: Instituto de Geografia e Estatística

IBOPE: Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística

IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

ONU: Organização das Nações Unidas

PNAD: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

RJ: Rio de Janeiro

TV: Televisão

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Recortes da pesquisa	73
Quadro 2 – Ficha de análise	77
Quadro 3 – Duração dos capítulos em América.....	86
Quadro 4 – Presença e tempo de negras em América	86
Quadro 5 – Presença de mulheres negras em América	86
Quadro 6 – Presença de homens negros em América	87
Quadro 7 – Relevância da negra em América.....	87
Quadro 8 – Ambiente de exposição em América.....	88
Quadro 9 – Locais de exposição em América.....	88
Quadro 10 – Tempo das negras em América	89
Quadro 11 – Tempo dos negros em América	89
Quadro 12 – Mulher negra, marcas e produtos em América.....	90
Quadro 13 – Ocupação da negra em América	90
Quadro 14 – Dependência moral e financeira em América	91
Quadro 15 – Há ocorrência de estereótipos em América.....	92
Quadro 16 – Duração dos capítulos em Outro Lado	92
Quadro 17 – Presença de negras em Outro Lado	93
Quadro 18 – Presença de negros em Outro Lado.....	93
Quadro 19 – Relevância de negras em Outro Lado	94
Quadro 20 – Ambientes de exposição em Outro Lado	94
Quadro 21 – Locais de exposição em Outro Lado	95
Quadro 22 – Fala de negros e negras em Outro Lado.....	96
Quadro 23 – Mulheres negras, marcas e produtos	96
Quadro 24 – Homens negros, marcas e produtos	96
Quadro 25 - Ocupação das negras em Outro Lado	97
Quadro 26 – Dependência moral e financeira em Outro Lado	98

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Tela do Programa IBM SPSS	80
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 OS PRIMEIROS NEGROS NA SOCIEDADE BRASILEIRA.....	21
2.1 Da chegada dos portugueses ao tráfico negreiro: os primeiros registros	22
2.2 Formação do povo brasileiro	27
2.3 O embranquecimento da população brasileira pós-abolição	29
2.4 Preconceito histórico e o quantitativo irrisório de negros na história com destaque nacional.....	31
3 IDENTIDADE E RELAÇÕES SOCIAIS: AS AÇÕES AFIRMATIVAS, O IMAGINÁRIO SOCIAL E A LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA.....	38
3.1 A identidade cultural para Stuart Hall	38
3.2 Outras concepções de identidade e relações sociais.....	40
3.3 As políticas de ações afirmativas para negros e o imaginário social.....	43
3.4 A importância da leitura crítica da mídia para o combate as discriminações raciais	46
4 REDE GLOBO: REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADE DOS NEGROS NAS TELENÓVELAS.....	50
4.1 A Rede Globo e o seu principal produto: as telenovelas.....	50
4.2 Os desafios dos negros na busca por espaços nas TVs	55
5 AS TELENÓVELAS ANALISADAS	62
5.1 A telenovela América.....	62
5.2 A telenovela Outro Lado do Paraíso.....	67
6 MÉTODO.....	72
6.1 Sobre Análise de Conteúdo (AC)	74
6.2 As etapas da AC	76
6.3 As unidades de análise ou de registro	77
6.4 Descrevendo as unidades de análise	81
7 RESULTADOS E ANÁLISES.....	84
7.1 A telenovela América.....	84
7.2 A telenovela Outro Lado do Paraíso.....	90
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
9 REFERÊNCIAS	99

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira sempre apresentou discursos e estereótipos racistas ao longo de sua história, seja no período antes da abolição ou nas décadas e séculos seguintes. Tais comportamentos sempre se fizeram presentes nos mais diversos espaços e meios de comunicação nacionais, seja antes da assinatura da Lei Áurea (Lei que extinguiu a escravidão no Brasil, em 1888) ou depois de sua promulgação.

Após a extinção do trabalho escravo, tais comportamentos e atitudes acabaram constituindo-se parte do imaginário social. Com o surgimento dos mais modernos meios de comunicação (jornais, televisões, revistas) e à medida que se tornavam mais acessíveis por todas as classes sociais, práticas racistas reproduzidas nesses espaços tornaram-se ainda mais comuns, em alguns casos de forma explícita, em outros, de modo subliminar.

Perfazendo um breve histórico na teledramaturgia brasileira ao longo do tempo e diante do contexto citado, é fácil encontrar personagens negros que desempenharam e reproduziram características que não os colocavam em igualdade com os brancos. Em geral, apresentam caráter de indolência, pouca educação, ausência de bons modos. Como exemplos, podem ser citados: Tia Nastácia (negra, analfabeta e cozinheira) e o tio Barnabé (baixa escolaridade e que desempenhava atividades voltadas para a agricultura), ambos os personagens da série do Sítio do Pica Amarelo, escrita por Monteiro Lobato.

Outros casos como a do ator e comediante **Grande Otelo**, que atuou no cinema e nas TVs nacionais nas décadas de 1930 a 1980, também se constitui como um exemplo claro dessas observações. Tendo como destaque o filme Macunaíma (1969) e que na TV Globo ganhou espaço quando desempenhou um personagem na Escolinha do Professor Raimundo (1990) e na novela Renascer (1993), se constata que em todos os personagens ele se apresentava como o preguiçoso, aquele que queria tirar proveito de todas as situações, o palhaço que servia para divertir as demais pessoas,

Em poucas situações é que se percebe a representação de negros que tiveram ou têm destaque. Quando aparecem se apresentam como alvo principal de atitudes racistas ou sem muito destaque diante dos demais personagens. Na novela Páginas da Vida, veiculada em 2008, pela Rede Globo, a personagem Selma Araújo, desempenhada pela atriz Elisa Lucinda, era uma médica obstetra e amiga inseparável de Helena (Regina Duarte). A personagem, embora médica, foi alvo de preconceito por parte de sua enteada.

Na trama, Selma Araújo casa com um homem loiro e que já trazia uma filha de um relacionamento anterior. De maneira explícita, o preconceito racial deu-se justamente entre

essa enteada e Selma Araújo. No entanto, implicitamente, o que chama atenção é que, mesmo sendo uma médica, a personagem interpretada por Lucinda, quase nunca aparecia demonstrando destreza com o seu ofício (ocorria justamente o contrário com Helena). Sua principal característica na novela foi a de confidente da personagem principal. Ou seja, médica, mas sem destaque profissional.

São baixíssimos os registros na teledramaturgia que trazem o negro em papel de relevância social, cultural e intelectual sem que sejam frisadas características de inferiorização perante os brancos. Personagens negros atuando como jornalistas, advogados, engenheiros, militares, políticos e outras profissões consideradas pertencentes à elite branca e dominante é algo bastante difícil de ser ver. Quando existem, acabam reproduzindo discursos e cenas que estimulam a estranheza dos personagens.

Verifica-se, sinteticamente, que existe uma falta de deputados, juízes, empresários, pessoas bem-sucedidas, presidentes, médicos negros, além de muitos outros profissionais na dramaturgia brasileira. Comparando, por exemplo, com os Estados Unidos da América (EUA), um país que reconhecidamente adota um preconceito étnico racial mais explícito do que o existente no Brasil, a teledramaturgia incorpora, há bastante tempo, personagens negros em papel de destaque.

Antes mesmo que *Barack Obama* chegasse à presidência dos EUA, uma quantidade significativa de personagens negros interpretando papéis de relevância como presidentes já haviam sido vistos por um público bastante vasto, tanto entre norte-americanos como nos outros países. O ator Morgan Freeman talvez tenha sido o que mais interpretou presidentes e até mesmo Deus. Mas não foi o único. Como exemplos mais conhecidos, podem ser citados: O Presidente Negro (Lançado em 1972) e Impacto Profundo (Lançado em 1998), ou seja, na ficção existe a liberdade de se fazer isso, no entanto, no Brasil, ainda não é uma prática corriqueira.

Os meios de comunicação apresentam uma função importante no cenário nacional e as telenovelas apresentam forte aceitação na sociedade brasileira. É nessa realidade que se propõe o estudo, com o objetivo de analisar a presença da mulher negra na teledramaturgia brasileira: papel desempenhado, relevância em termos de protagonismo, estabelecer comparativos quantitativos de tempo de fala entre negros e negras. Diante dessa realidade nacional, a escolha do objeto de estudo se deu com o intuito de verificar o quantitativo de representação da mulher negra, no que tange ao tempo de fala, nas telenovelas das 21h, da Rede Globo e quais são as ocupações mais atribuídas a tais personagens. O recorte espaço-

temporal proposto foi de 14 anos, que correspondem aos anos de 2005 até 2011 para seleção da primeira telenovela e de outros setes anos, de 2012 até 2018, para a segunda telenovela.

Dentro desse período selecionamos as duas telenovelas de maior audiência e que apresentaram personagens negras em suas tramas, são elas: América (exibida em 2005, com 203 capítulos e média de 49 pontos); e Outro Lado do Paraíso (exibida entre 2017 e 2018, com média de 45 pontos), conforme dados registrados pelo Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística (IBOPE).

Já em relação à opção pelo horário, o motivo se deu por ele ser considerado o horário nobre da televisão brasileira, ou seja, o período de grande audiência exibido durante as noites e no horário do jantar, quando a audiência é consideravelmente maior em comparação com os demais horários de exibição de telenovelas.

O objeto central se alicerça na problemática de que as telenovelas não refletem a presença das negras quando comparadas com o tempo destinado de fala para os negros e brancos, reproduz e reforça o pensamento da sociedade brasileira de que o lugar da negra é na cozinha, no trabalho mais informal, que quando é evidenciada sempre vem atrelada a despertar a atenção sexual do homem, entre outros casos.

Busca-se abordar e relacionar o preconceito racial e de gênero nesse espaço de entretenimento comunicacional. Além disso, trazer a discussão de que, em pleno século XXI, e após tantas campanhas de igualdade racial e de gênero, ainda é possível constatar diversas formas de preconceito velado que são reproduzidos nas programações da Rede Globo.

Apesar de existirem muitas discussões sobre a temática, busca-se identificar se a mulher negra continua tendo papéis secundários, terciários e baixa representação nas telenovelas. Existem estudos na área, no entanto, são poucos, embrionários e não costumam estudar especificamente o gênero feminino e racial em telenovelas.

Para Cardoso (2012, p. 135) “Poucos são os estudos no Brasil que abordam a intersecção de gênero e raça/etnia, as representações de gênero racializadas e os efeitos sobre a vida das mulheres nas mais diferentes áreas”. Tendo essa conjuntura como um dos fatores norteadores, essa pesquisa pretende compreender a complexidade do fenômeno da representação da mulher negra em telenovelas da Rede Globo. A proposta de ter mulheres como sujeitos de pesquisa foi à busca para compreender alguns aspectos da especificidade da dupla discriminação, de raça e de gênero em telenovelas, subsidiando as discussões já existentes e especificando ainda mais essa temática.

O objetivo principal é verificar, para além da contabilidade comparativa, o grau de representação e representatividade da mulher negra em relação aos negros nas telenovelas,

evidenciando os papéis, presença ou não de estereótipos e suas consequências no imaginário da sociedade que se permite associar a personagens de sexo feminino caracterizadamente afrodescendentes. Serão analisados cada capítulo em sua íntegra, com vistas a constatar a presença e quantidade de minutos a elas destinado.

O método de pesquisa empregado proporcionará uma abrangência com resultados consideráveis, válidos e dentro da estimativa de tempo para conclusão da mesma. Caso outras telenovelas fossem adicionadas, a quantificação e análise poderia ultrapassar o limite de tempo estipulado para a conclusão.

A Análise de Conteúdo será o método utilizado, pois se mostra o mais oportuno dentre os objetivos elencados, pois permite dissecar a informação, além de oportunizar a verificação dos resultados por outros pesquisadores seguindo os mesmos padrões do autor da pesquisa. Krippendorff (1990) define o método como uma técnica de investigação capaz de realizar inferências válidas e replicáveis, sendo uma análise de comunicação sistemática, objetiva e quantitativa, cuja finalidade é a de medir determinadas variáveis.

Para Wimmer e Dominick (1996) o método consiste em: descrever os componentes da informação; comprovação das hipóteses sobre as características das mensagens midiáticas; comparação dos conteúdos dos meios com o mundo real; avaliação das imagens e grupos sociais concretos e estabelecimento de um ponto de partida para os efeitos dos meios. Permitindo examinar cientificamente tanto os significados, quanto os significantes (BARDIN, 2011). São elaboradas categorias e unidades de análises que estão presentes em fichas de codificação destinadas para análise de todos os capítulos das telenovelas em estudo. Posteriormente os dados serão apresentados quadros, permitindo a interpretação deles com base em teorias voltadas para a discussão das personagens negras nas telenovelas. Traçados o objeto de estudo e seguindo tais objetivos com o método escolhido, a pesquisa se divide em seis partes.

No primeiro capítulo será narrada toda a história do Brasil: A chegada dos portugueses, exploração dos indígenas e a escravidão dos negros que eram trazidos da África para trabalharem nas grandes plantações de cana de açúcar e café e na exploração de riquezas naturais; O preconceito histórico construído ao longo dos séculos; Os castigos físicos e exploração sexual das negras; As leis abolicionistas; A ideologia do branqueamento; Como se deu a formação do povo brasileiro a partir de 1500 e após a abolição e como eram essas relações sociais e raciais nos primeiros quatro séculos do país.

No capítulo dois, se apresentam alguns conceitos de identidade cultural, relações sociais, imaginário social e a importância da leitura crítica da mídia para romper com o preconceito e se reconhecer como membro de um grupo étnico-racial.

Já no terceiro capítulo, a ênfase se volta para as representações e identidades da mulher negra em telenovelas da Globo. Para isso é apresentado o histórico de fundação da emissora e um breve relato de telenovelas que traziam negros e negras em suas tramas. Apresentando a desproporcionalidade negra feminina quando comparadas com os brancos e negros.

O capítulo quarto traz informações sobre as telenovelas. Contextualiza as tramas, localiza no tempo e no espaço e traz informações sobre o que discutem. Além de listar todos os personagens, grau de audiência que se teve, se houve exportação e a repercussão da mesma no ano que foi exibida no país.

Em seguida, no quinto capítulo, apresenta-se o método utilizado para se realizar as análises das telenovelas, justificativa pela escolha do mesmo e como será aplicado para quantificar esses resultados e depois partir para uma interpretação que ajudará a compreender um pouco mais sobre a presença afrodescendente feminina em telenovelas da Rede Globo nos primeiros anos do século XXI. Isso corrobora para uma discussão e considerações mais significativa dentro do que se propõe a pesquisa.

E no sexto capítulo, são apresentados os dados e a análise do que foi encontrado. Por fim, são apresentadas as referências consultadas.

2 OS PRIMEIROS NEGROS NA SOCIEDADE BRASILEIRA

Depois de escalar uma grande montanha se descobre que existem muitas outras montanhas para escalar (Nelson Mandela)

Tendo sido o Brasil o último país das Américas a abolir a escravidão, ainda é preciso continuar a luta por visibilidade, respeito e oportunidades para o povo negro. A batalha mais difícil foi superada, mas a luta é diária e constante. A frase que abre o capítulo nos traz a reflexão de que a Lei Áurea não foi o suficiente para vencermos todas as amarras do preconceito com o negro; outras lutas, batalhas e guerras precisam ser vencidas, superadas, todos os dias e em todos os ambientes.

Por essa razão, é preciso conhecer e entender como tudo se originou e compreender o quanto racista ainda é o Brasil, mesmo depois dos 130 anos de extinção do regime escravista.

E tudo começou quando os primeiros negros chegaram ao país, trazidos em sua grande maioria dos países do continente Africano para serem escravizados, foram tratados como animais e que tinham como tarefas servir aos seus senhores, seja nas plantações, serviços domésticos ou qualquer outra coisa que fosse pertinente aos seus donos.

A escassez de mão de obra foi à principal razão que levou os portugueses e brancos a escravizar o povo negro. Com isso a escravidão aqui foi maior e durou mais tempo do que em outros países do continente americano. O comportamento totalmente desumano que seria imposto aos cativos e os altos índices de tráfico negreiro também se constituíram como um dos maiores do mundo.

Não sabiam eles, mas essas atitudes de inferiorização e preconceito para com os negros os acompanharia por séculos mais tarde, negando a sua participação social, profissional e escolar na sociedade brasileira pelos anos seguintes. O preconceito com os descendentes daqueles que tanto sofreram e contribuíram para o país ser uma grande nação ainda é algo evidente na atualidade. Somente a partir da Constituição de 1988 foi que políticas públicas e leis mais rigorosas foram incrementadas para garantir respeito e direitos ao povo negro brasileiro. Apesar disso, no Brasil o preconceito racial pode vir de diferentes maneiras e, por vezes, disfarçados de comentários e piadas maldosas para com as pessoas de pele escura e as mudanças se dão de forma lenta e, por vezes, ineficazes.

É possível constatar que se vibra com gols de jogadores negros. Mas, se perdem, uma enxurrada de comentários depreciativos que fazem alusão ao nível de inteligência e aparência do jogador ecoa em níveis alarmantes¹. Em outros casos, alega-se que os negros não possuem desenvoltura ou não reuniram habilidades necessárias para ocupar certos cargos e com isso chegam a apresentar telenovelas sem a presença de nenhum negro. Fato ocorrido na Rede Globo, em 2018, e que gerou notificação e solicitação de mudanças por parte do Ministério Público do Trabalho².

Os espaços continuam restritos, assim como eram em séculos passados. Revisitar a história, compreender como tudo se deu e compará-la com a atualidade, nos mostra que ainda somos e continuamos desenvolvendo atitudes racistas. E é o que se propõe a seguir, compreender como tudo se deu.

2.1 Da chegada dos portugueses ao tráfico negreiro: os primeiros registros

De acordo com os registros históricos e citado por Koshiha & Pereira (1996), em 9 de março de 1500, uma frota composta por diversos navios, saía do Rio Tejo, em Lisboa/Portugal, e objetivava chegar às Índias. No comando das embarcações estava Pedro Álvares Cabral. Dias depois a frota, após passar por diversas ilhas as quais já conhecia e afastando-se da costa africana, avistaram uma nova terra, era 21 de abril do mesmo ano.

A localidade na qual ancoraram era a região em que hoje se localiza o estado da Bahia. Ao chegar à terra que tinham avistado e que mais tarde viria a ser denominada de Brasil, encontraram uma população ameríndia (nome dado aos habitantes da América antes da chegada dos europeus e seus descendentes).

Esse povo que já vivia em terras recém-descobertas eram indígenas que possuíam uma cultura e língua bastante homogênea. Esses povos foram classificados em dois grandes blocos de população: os tupis-guaranis e os tapuias.

Ao chegar à nova terra, os portugueses traziam consigo uma verdadeira catástrofe. Com costumes diferentes daqueles que os povos indígenas já possuíam, com suas enormes embarcações e diversas outras características próprias do povo branco que estavam chegando.

¹ Como exemplo, podemos ter o seguinte caso: Grêmio e Aranha, uma história de racismo perverso e continuado. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/17/deportes/1500309484_868649.html> Acesso em: 10 set. 2019.

² MPT notifica Globo por falta de negros em novela e recomenda mudanças. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-05/mpt-notifica-globo-por-falta-de-negros-em-novela-e-recomenda-mudancas>> Acesso em: 10 set. 2019.

Muitas adesões, resistências e diversos conflitos com os tais colonizadores ocorreram, sobretudo quando se tratou de escravizá-los. Os índios que se submeteram ou foram submetidos a exploração portuguesa sofreram violência cultural, física, epidemias e mortes. Do contato com o europeu resultou uma população mestiça, que mostra, até hoje, sua presença na formação da sociedade brasileira.

Como a exploração e escravização dos indígenas não era o suficiente, começou-se então a trazer os negros da África. De acordo com os primeiros registros sobre a vinda dos negros para o Brasil, supõe-se que os primeiros africanos chegaram ao país entre os anos de 1516 e 1526, no entanto, somente a partir de meados do século XVI, iniciou o afluxo regular constante de africanos para a colônia.

Os negros eram sequestrados, roubados, usurpados de sua terra natal e trazidos como escravos para a América. Os negros que chegavam da África tiveram suas vidas e destinos associados a um terrível sistema de exploração humana. Explorados principalmente pela força física, não contavam senão como instrumento de trabalho e capital (FERNANDES, 1971, p. 21).

Com a inserção desse sistema de tráfico de pessoas e exploração do trabalho escravo, os europeus começavam a ter total lucro nas terras que tinham chegado. A exploração acontecia através da dominação, que se dava por razões econômicas e psicossociais e para isso outros recursos de controles também eram utilizados, tais como o de desfigurar completamente a personalidade moral do negro, castigos físicos severos e inferiorizar as suas aptidões intelectuais (MUNANGA, 1988, p. 9). E, ao longo dos séculos, isso foi algo bem comum e rotineiro no país. Os negros que se opusessem ao regime sofriam duras sanções, castigos físicos e inclusive eram privados de se alimentar. Moura e Barreto (200, p. 16) afirma que “A alimentação, por seu turno, não era a de fartura que alguns autores descrevem, quando afirmam que o negro era o elemento mais bem alimentado do Brasil colonial”. Munanga (1996, p. 185) declara que “... muitos dos senhores do período escravista do Brasil, sequer davam comida aos seus cativos”.

Com o passar dos séculos ideários abolicionistas e o número crescente de adeptos a tal pensamento começaram a crescer. No entanto, cidadãos que se identificassem como defensores desta ideia não eram bem vistos pela sociedade da época. “Os abolicionistas eram também acusados de ameaçar os interesses básicos do Brasil em troca de granjear aplausos em capitais estrangeiras” (SKIDMORE, 2012, p. 59). A economia girava em torno do trabalho escravo negro, cogitar a hipótese de liberdade para esse povo seria a mesma coisa

que decretar a falência e a ruína de muitos senhores donos de fazendas que enriqueciam através da exploração negra.

As iniciativas de criar discussões e pedir ajuda a países que já possuíam uma mente mais aberta para essas ideias era algo que crescia. Isso tornava os abolicionistas alvos vulneráveis dos fazendeiros conservadores que os acusavam de serem antipatriotas, de desejarem que o país sucumbisse economicamente. José do Patrocínio, Joaquim Nabuco, André Rebouças, Joaquim Serra, Gusmão Lobo foram os principais nomes que defendiam a abolição da escravatura.

Em 1883, Joaquim Nabuco, escreveu: *Que é o abolicionismo?* E logo foi o principal símbolo da luta. A obra levava a sociedade a refletir sobre a escravidão, razões humanitárias e práticas. No livro Nabuco traz várias indagações e questionamentos, declarava que manter a escravidão correspondia a atrasar o desenvolvimento do país, pois ela “... impede a imigração, desonra o trabalho manual, retarda a aparição de indústrias, promove a bancarrota, desvia os capitais do seu curso natural, afasta as máquinas, excita o ódio entre as classes” (NABUCO, 1883, p. 67). Ele esforçou-se por mobilizar uma pressão não apenas interna, mas também externa as fronteiras.

Determinada pelo governo inglês, em 7 de novembro de 1831, foi sancionada a Lei de Extinção do Tráfico Negreiro. Contudo, não veio a ser cumprida em nenhuma de suas disposições, ocasionou em um desenvolvimento ainda maior do comércio ilícito de escravos, elevação do seu custo e também a morte de muitos negros, pois quando um navio negreiro se deparava com a armada naval inglesa, os negros, geralmente acorrentados, eram lançados ao mar. Somente em 1845 foi que a Inglaterra intensificou suas considerações e posicionamentos de forma mais drástica pela soberania brasileira (FERNANDES, 1971, p. 49).

O tráfico africano foi suprimido efetivamente apenas no ano de 1850 e posteriormente vieram outras leis abolicionistas, como a Lei do Ventre Livre (Também conhecida como a Lei Rio Branco, promulgada em 28 de setembro de 1871, que considerava livre todos os filhos de mulheres escravas nascidos a partir da data da lei) e a Lei do Sexagenário (também conhecida como Lei Saraiva-Cotegipe, promulgada em 28 de setembro de 1885, que concedia liberdade aos escravos com mais de 60 anos de idade).

Ribeiro (1995) salienta que

Depois da primeira lei abolicionista - a Lei do Ventre Livre, que liberta o filho da negra escrava -, nas áreas de maior concentração da escravaria, os fazendeiros mandavam abandonar, nas estradas e nas vilas próximas, as crias de suas negras que, já não sendo coisas suas, não se sentiam mais na obrigação de alimentar. Nos anos seguintes à Lei do Ventre Livre (1871),

fundaram-se nas vilas e cidades do estado de São Paulo dezenas de asilos para acolher essas crianças, atiradas fora pelos fazendeiros (RIBEIRO, 1995, p. 233).

Somente em 13 de maio de 1888, foi promulgada a Abolição da Escravatura. Devido a muitas fugas em massa, desorganização no trabalho e quase inexistência da exploração do povo negro nos países vizinhos, a Lei Áurea foi sancionada pela então Princesa Isabel. Quando praticamente não havia mais escravos no Brasil, ou seja, a abolição da escravatura, representada pelo ato da Princesa Isabel, não fez senão sancionar a extinção do sistema escravista que ocorreria de qualquer forma devido a diversos fatores internos e externos ao país. Vale salientar que “Brasil, Porto Rico e Cuba eram os únicos territórios escravagistas nas Américas depois que os Estados Unidos aboliram a escravidão em 1865” (SKIDMORE, 2012, p 43).

Ainda de acordo com Ribeiro (1995)

Após a abolição, à saída dos negros de trabalho que não mais queriam servir aos antigos senhores, seguiu-se a expulsão dos negros velhos e enfermos das fazendas. Numerosos grupos de negros concentraram-se, então, à entrada das vilas e cidades, nas condições mais precárias. Para escapar a essa liberdade famélica é que começaram a se deixar aliciar para o trabalho sob as condições ditadas pelo latifúndio (RIBEIRO, 1995, p. 233).

É importante citar que um dos fatores que contribuíram com o declínio do sistema escravista no Brasil foi à acentuada pressão da Inglaterra, que exercia grande influência nos países subdesenvolvidos para proibir o tráfico de escravos (FERNANDES, 1971, p.56).

A Inglaterra passava por um momento bastante crucial em sua história, que era a Revolução Industrial e buscava expandir os seus negócios e suas vendas para outros países, incentivando assim, a substituição da mão-de-obra escrava pela livre para ampliar os seus consumidores.

Outros fatores que contribuíram de maneira significativa com a queda da exploração e, posteriormente, com a efetivação da abolição foram às diversas formas de resistência dos negros à instituição fundamental da escravidão. A resistência dos escravos, a cobrança de vários escritores, jornalistas e outras personalidades favoráveis a libertação dos negros, o medo de suas rebeliões e o problema dos escravos fugitivos fez com que alguns dos senhores, que muitas vezes, se deparavam com limitações impostas pelas ações dos escravos, aderissem aos poucos aos ideais libertários (SCHWARTZ, 2001, p. 219).

A resistência negra contra esse sistema de exploração sempre foi bastante ativa. Muitas lutas e indignação constituíram as revoltas que foram geradas ao longo dos séculos sob forte exploração, agressão física e emocional. A insubmissão às regras do trabalho nas plantações, os movimentos de ocupação de terras, as revoltas, as fugas, os assassinatos de senhores, foram algumas das estratégias usadas pelos negros contra o sistema escravista (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 26).

Isso leva-nos a crer que, ao longo de toda a existência do regime escravista, os escravizados lutaram, se organizaram de diferentes formas seja nas senzalas, nos quilombos, nas insurreições e nas guerrilhas. Convém lembrar que a escravidão sempre foi acompanhada de um forte movimento de resistência e várias revoltas tiveram a presença negra como personagem na luta pelo fim deste regime desumano e cruel. Ao longo de todo esse histórico é evidente que após a libertação dos negros escravos, houveram diversas formas de continuar com a cultura da inferiorização negra.

Uma outra característica que convém citar após a abolição foi a de que os fazendeiros perceberam que o fim da escravidão não ameaçaria a produção e suas grandes riquezas. Pois os escravos recém-libertos se sujeitavam a receber pequenas remunerações.

Em 1888 o Brasil ainda era uma economia essencialmente agrária. Seu sistema paternalista de relações pessoais prevalecia até nas áreas urbanas. A rígida estratificação social dava aos proprietários de terra (brancos, ou vez por outra, mulatos claros) praticamente um monopólio do poder – econômico, social e político. Os estratos inferiores, incluindo os brancos pobres, bem como a maioria dos libertos de cor, estavam afeitos à submissão e à aderência (SKIDMORE, 2012, p. 81).

No período pós-abolição, atitudes de repressão resultaram inevitavelmente na exclusão da massa de negros do mercado de trabalho capitalista (HASENBALG, 1979, p. 74). Ou seja, os negros estavam libertos, mas não encontravam espaços para se inserirem em algum tipo de trabalho remunerado e que propiciasse a sua sobrevivência. Diante de tais fatos, outro problema ganhava cada vez mais espaço no contexto de exploração e inferiorização do negro: o racismo após o fim da escravidão que implicou no desajustamento psicológico, cultural, social e econômico de um grupo historicamente oprimido (HASENBALG, 1979, p. 30), pois não houve nenhuma preocupação com a integração socioeconômica das vítimas diretas ou indiretas do cativeiro, os negros e seus descendentes (FERNANDES, 1971, p. 126).

Sob essa ótica, o povo brasileiro, formado por etnias diferentes, tendo como principais os povos indígenas, negros e brancos começou-se a se desenhar. Sendo oriunda não apenas de

um único povo, mas da mistura dos que aqui já estavam, dos que vieram para explorar suas riquezas e daqueles que foram obrigados a virem para o trabalho escravo.

2.2 Formação do povo brasileiro

Pode-se dizer que o povo brasileiro se originou de um triângulo racial composto por índios, negros e o branco europeu. Nas primeiras décadas de exploração da colônia, a maioria de portugueses que vinham para o Brasil eram homens, levando-os a buscar relacionamento sexual com as índias. Era comum que algumas das tribos tivessem certa admiração por aquele povo que se colocavam como superiores, educados, senhores da verdade e poderosos.

[...] o branco era visto como um ser superior, e era considerado honroso, tanto para a mulher índia como pela própria tribo, acasalar-se e ter filhos com eles. Por outro lado, era uso entre os nativos que o estrangeiro que recebesse uma moça índia como esposa estabelecesse laços de parentesco com todos os membros do grupo. Podia, então, usar o trabalho dos parentes e as mulheres para gozo sexual (RIBEIRO, 1995, p. 133).

A concepção que reinava era a de que a mulher servia tão somente para a geração, formação e multiplicação da família. As índias que naquela terra descoberta já viviam foram objeto do desejo português.

A partir do momento em que o início do tráfico de negros africanos também se intensificou, os brancos europeus não buscavam apenas a mão de obra para os engenhos de cana de açúcar, fazendas de café, exploração das matas e pedras preciosas no interior do país.

A mulher negra passou então a servir aos seus donos também em termos sexuais. Os filhos oriundos desses relacionamentos eram, em sua quase totalidade, discriminados pelos pais brancos. Para Darcy Ribeiro (1995), estes novos brasileiros eram discriminados e inferiorizados por seus pais, sob a alegação de que não faziam parte da família branca europeia, pois não tinham pele branca, sendo então considerados como impuros.

Com a massificação da vinda de negros para o país, a exploração sexual foi maior com as negras, pois eram mais numerosas e estavam submissas aos senhores brancos e caso se recusassem aos atos sexuais sofreriam severos castigos físicos e morais.

Esses povos que estavam nascendo em grande número no país chamaram ainda mais atenção dos brancos que formavam pensamentos diversos sobre os filhos que nasciam desses atos sexuais. Para eles, tinham-se três grupos de mulheres: a “..branca para casar, mulata para

fuder, negra para trabalhar” (FREYRE, 2003, p.72). Conforme a mistura de raças ia se dando, as mulheres negras, de pele mais escura e fenótipo mais destacado, eram destinadas para o trabalho árduo e as mais claras iam trabalhar na casa dos senhores e não dificilmente tinham que servir sexualmente aos seus senhores.

A mulher mulata passou a ser a preferida dos brancos portugueses. Inclusive contribuía para os objetivos de branqueamento da população brasileira que vigoravam na época. Fazendo uma rápida análise com os dias atuais percebe-se que em muitas propagandas impressas e de televisão ainda se propaga essa ideia: o foco é sempre apresentar as mulheres mulatas, as mais claras, as mais atraentes e de corpos considerados ideais a negra, de pele mais escura e características físicas mais destacadas, sempre carregará consigo olhares que almejarão distanciamento por parte de uma sociedade que sempre negou suas raízes.

A partir de tais registros sobre a formação do povo brasileiro, pode-se pensar que, em razão do período da escravidão, o negro teve uma considerável importância na construção desse novo mundo chamado Brasil tanto por sua presença como a mão de obra, produzindo quase tudo que aqui se fez, como pela introdução racial e cultural (RIBEIRO, 1995, p. 114).

É difícil dizer, no Brasil, que se é de origem unicamente branca, indígena ou negra. Pois como se pode perceber, desde o primeiro momento da história do país existe essa mistura de etnias, no entanto, com uma predominância negra.

Diversos estudos dão conta que no continente americano, o Brasil foi o país que importou mais escravos africanos e tais reflexos são observados na composição populacional do país.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre os séculos XVI e meados do XIX, vieram cerca de quatro milhões de homens, mulheres e crianças, o equivalente a mais de um terço de todo comércio negreiro³. Proporcionando, talvez, a maior diáspora já ocorrida em toda a história da humanidade com finalidade escravista.

O que também não se pode negar é que tentaram por diversas vezes branquear a população brasileira. Quanto mais imigrantes viessem para cá, mas rapidamente o estrato negro iria desaparecendo, acreditavam.

³Pesquisa e dados disponíveis em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros.html>>. Acesso: 12 mar de 2019.

2.3 O embranquecimento da sociedade brasileira pós-abolição

As primeiras décadas pós-abolição foram anos de grandes dificuldades entre o povo negro. Abandonados à própria sorte passam pela lenta reabsorção no mercado de trabalho a partir das ocupações mais simples e mal remuneradas (FERNANDES, 1971, p. 62). Nesses primeiros anos começou-se a observar uma nova atitude para minimizar a presença do negro na sociedade brasileira.

A miscigenação, de acordo com alguns estudiosos, foi considerada uma estratégia de liquidação da raça negra no Brasil, pois, contribuía para que o negro fosse aos poucos desaparecendo sob o clareamento progressivo da população do país. As políticas de branqueamento objetivavam minimizar qualquer forma de crescimento da população negra (NASCIMENTO, 1978, p.69).

Munanga (1988) declara que a mestiçagem não deve ser vista tão apenas pelo lado biológico, ou seja, como fruto de um fluxo de genes entre populações e povos difusos, mas sim, como algo que ao longo do tempo se deu propositalmente e que tinha objetivos específicos. Para ele, o objetivo principal da mestiçagem era mais ideológico do que biológico. Munanga (1988) e D'Adesky (2001) criticam o ideal de branqueamento que ocorria no Brasil, principalmente após a abolição e que em nome de uma visão racial privilegiadora favoreciam o cruzamento e mistura para uma melhor organização social, favorecendo, claro, apenas uma raça específica (a branca), na qual se colocavam como superiores a qualquer outra.

Munanga (1988) afirmou que a ideologia racial foi construída a partir do fim do século XIX e meados do século XX pela elite brasileira, caracterizada pelo pensamento do branqueamento. O pensamento de um país plural estava fora de cogitação. O único modelo aceito e digno de respeito era o hegemônico racial e cultural branco. Tudo o que viesse a se opor a esse padrão, era inferior.

O mesmo autor compartilha essa análise com D'Adesky (2001), que juntos fazem uma crítica ferrenha ao ideal do branqueamento e que, segundo eles, pretendeu favorecer os cruzamentos e misturas enquanto modo ideológico de organização social, privilegiando somente um grupo humano específico (o branco), caracterizado simultaneamente por sua centralidade, sua superioridade e sua permanência no tempo. Esse fato faz com que o negro crie uma concepção de despertencimento a sua real origem racial. Em suma, esse modelo de branqueamento, fere o indivíduo negro que, despido de semelhanças, supõe a exclusão e a denegação da sua real identidade.

Logo após a abolição o pensamento que se criou foi o de trazer imigrantes para branquear a população brasileira e também trabalhar nas grandes fazendas do interior do país. Skidmore (2012, p. 62) relata sobre os abolicionistas que “A maioria previa um processo evolucionista em que o elemento branco aos poucos triunfaria. Também estavam dispostos a acelerar essa evolução promovendo a imigração europeia, que defendia por dois motivos”.

O motivo primeiro era o de suprir toda a mão de obra decorrente da ausência do trabalho escravo, visto que as taxas de reprodução dos libertos eram insuficientes para atender a demanda dos senhores. Já o motivo segundo era o de apressar o processo de branqueamento do Brasil. Com a vinda de imigrantes e a partir do cruzamento com os negros, nasceriam os mulatos. Cada vez mais claros, em poucos anos, teria uma população mais clara. E essa concepção perdurou por muitas décadas.

Difundidos na pós-abolição, os planos de branquear cada vez mais a sociedade brasileira era defendida por muitos profissionais e intelectuais influentes na época. Com atitudes totalmente racistas, presente nas obras de muitos pensadores, juristas, políticos e escritores brasileiros, dentre os quais podem ser citados: Euclides da Cunha, Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Paulo Prado, Oliveira Viana, Gilberto Freyre.

É nesse momento que surge o falso mito da democracia racial. Compartilhava-se o ideário de que a integração dos negros criava uma assimilação dos valores brancos e teve como objetivo propagar que não existiam diferenças raciais no Brasil e todos que aqui viviam estavam em plena harmonia, sem qualquer tipo de conflitos. Projetando uma nação branca que, através do processo de miscigenação, acabaria com a raça negra pelo processo de branqueamento.

Skidmore (2012, p. 89), enfatiza que “O ideal de branqueamento, assim como o sistema social tradicionalista, contribuiu para evitar que homens de pele escura tivessem muitos filhos, pois as negras, sempre que possível, tinham forte condicionamento para preferir parceiros mais claros que elas”. Em suma, aqui se percebe que tanto o ideário do branqueamento, exploração sexual das mulheres, realidade social e preferência das negras iam em busca do mesmo objetivo do branqueamento social.

A imigração trazia grandes números de brancos e com eles a possibilidade de ter filhos mais claros, inteligentes, com uma melhor feição, civilizados e refinados. Isso era o que não só os brancos adeptos da miscigenação tinham em mente, mas, também, de muitos negros mediante a série de dificuldades a qual estavam imersos. Com a aceitação cada vez maior e com a chegada de alguns imigrantes, o Brasil se projetava como um país que, aos poucos, ia se tornando cada vez mais branco.

Aos poucos franceses, holandeses, chineses e outros povos em menor escala foram chegando. No entanto, havia certa restrição aos povos imigrantes. O artigo 1º do Decreto 528 de 1890 dispunha que era inteiramente livre a entrada de trabalhadores, exceção feita aos indígenas da Ásia ou da África, que necessitavam autorização do Congresso Nacional. A política favorável a imigração e aceitação dos povos ia ao encontro do que muitos almejavam.

Assim como hoje, também se propagava a ideia de que não existia preconceito racial ou era muito reduzido. No entanto, Skidmore (2012) afirma que

Embora os brasileiros costumassem dizer que não tinham preconceito racial, a imprensa noticiava casos de suposta discriminação contra negros ou mulatos escuros. Os incidentes envolviam instituições brasileiras oficiais que volta e meia tinham contatos com estrangeiros. O Correio da Manhã denunciou, em 1904, que os negros não eram contratados como guardas no Teatro Lírico, a melhor casa de espetáculos do Rio. Em 1906, o jornal protestou, em editorial, contra a suposta discriminação de negros e mulatos no recrutamento para a Guarda Cívica de São Paulo (SKIDMORE, 2012, p. 90).

Além de tais registros e ainda de acordo com o mesmo autor, havia a reputação de que a Marinha da época só recrutava soldados brancos. Comerciantes, médicos, padres, oficiais militares e fazendeiros eram, em sua quase totalidade, brancos. Portanto, a ascensão social era quase que impossível para os negros e seus descendentes. Os negros não ocupavam posição e postos de trabalho de destaque. E, a partir disso, é possível perceber e compreender que o preconceito histórico vem de longas décadas, bem como a quantidade ínfima de negros exercendo postos de trabalho de grande relevância.

2.4 Preconceito histórico e o quantitativo irrisório de negros com destaque nacional

Com um pouco mais de 130 anos de promulgação da Lei Áurea, não é incomum encontrar registros e denúncias na mídia de trabalhadores que, em pleno século XXI, ainda se encontram em situações análogas ao trabalho escravo. O preconceito racial em diferentes contextos sociais, os postos de trabalho e as atribuições do pessoal de origem afrodescendente, em sua grande maioria, são inferiores aos dos brancos. Características que podem ser levadas para uma reflexão mais densa, tal qual: até que ponto a liberdade e os direitos do povo negro foram assegurados?

A existência do preconceito racial na atual sociedade brasileira remete efetivamente a um passado escravista. Nos quase quatro séculos em que a escravidão no Brasil foi um negócio legal, base do nosso sistema social e econômico, ela definiu espaços sociais que hoje tentamos desconstruir, como o racismo, a cultura da violência, a má distribuição de renda, o acesso à educação e o desrespeito à cidadania.

O preconceito racial não foi algo que surgiu há poucas décadas, nem é exclusiva do Brasil. Outras nações também vivenciaram essa triste realidade e tentam também reduzir sua dívida social com esses povos na atualidade.

A escravidão de africanos no Brasil tinha um objetivo claro: aumento da exploração das riquezas nacionais. O racismo acabou se tornando uma ideologia criada ao longo do século XIX, que buscava justificar a escravidão ao progresso nacional.

Todo esse processo de formação do povo brasileiro acabou contribuindo por criar uma distância social no país que se observa até os dias atuais: pobres e ricos, discriminação de negros, índios e mulatos. “A luta mais árdua do negro africano que se observa desde o passado e acaba por se desdobrar até a atualidade, bem como dos seus descendentes foi, e ainda é, a conquista de um lugar e de um papel de participante legítimo na sociedade nacional” (RIBEIRO, 1995, p. 220) a qual também ajudaram a construir e por isso merecem ocupar o lugar que lhes é seu por direito.

Logo após a abolição, os negros foram proibidos de realizar diversas atividades pelas classes dominantes. Dentre elas, pode-se citar: não tinham o direito de frequentar escolas, de circular nos centros urbanos e outras restrições. O que acabou contribuindo para que essa população fosse se alojando nas periferias das pequenas vilas e cidades, em cortiços, moradias simples, acampamentos que eram invadidos e destruídos com muita frequência por aqueles que tinham intolerância racial a tais grupos.

Desse modo foram constituídos os chamados bairros africanos, que mais tarde deram lugar às favelas, que vêm se multiplicando até os dias atuais, como uma solução que o pobre encontra para morar e conviver. Sempre debaixo da permanente ameaça de serem erradicados e expulsos (RIBEIRO, 1995, p. 222). Com sua circularidade limitada, o acesso ao trabalho também se restringia, gerando o desemprego, a fome e a falta de oportunidades e que originou os estereótipos de preguiçosos, burros e ladrões.

Em meio a todas essas dificuldades que o negro se deparava e que agora se tornara urbano, em virtude das mais diversas complexidades no meio rural, foi aos poucos resgatando a cultura e os costumes que vinham sendo esquecidos, contendo alto grau de criatividade.

Estando também repleta de retalhos ligados a africanidade expressados por meio de sua musicalidade, comidas, religiosidades que nos cercam até a atualidade.

A partir desses pressupostos básicos, o negro urbano veio a ser o que há de mais vigoroso e belo na cultura popular brasileira. Com base nela é que se estrutura o nosso Carnaval, o culto de Iemanjá, a capoeira e inumeráveis manifestações culturais. Mas o negro aproveita cada oportunidade que lhe é dada para expressar o seu valor. Isso ocorre em todos os campos em que não se exige escolaridade. É o caso da música popular, do futebol e de numerosas formas menos visíveis de competição e de expressão. “O negro vem a ser, por isso, apesar de todas as vicissitudes que enfrenta, o componente mais criativo da cultura brasileira e aquele que, junto com os índios, mais singulariza o nosso povo” (RIBEIRO, 1995, p.222).

Segundo dados⁴ da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Organização das Nações Unidas (ONU), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) as menores taxas de escolarização, o alto índice de desemprego, a maior população carcerária, o maior número de feminicídio e a baixa remuneração salarial são observadas com os negros no país, além de também serem os mais afetados pela violência e desigualdades.

Esse reflexo vem desde o passado e acaba culminando com o fracasso da sociedade que não conseguiu almejar os objetivos que se professava em torno de uma democracia racial que não houvesse distinção racial de nenhum tipo no território nacional.

Apesar da existência de uma associação da pobreza com os negros, isso não se justifica por tais estereótipos que os atribuíam e atribuem. O que acontece é que o preconceito no Brasil é algo tão arraigado que as oportunidades são ínfimas para o contingente negro e isso acaba ocasionando numa não ascensão social.

Fatos que em pleno período da escravidão já eram mencionados. Skidmore (2012, p. 82) destaca que era visível até o preconceito racial de negros com os demais negros: “Era comum que mestiços em ascensão social fizessem de tudo para ocultar seus antecedentes familiares”. O pensamento de que as características fenotípicas poderiam interferir em sua redefinição social, se constituía como uma forte ameaça para o seu bem-estar social.

Manifestações oriundas do povo afro-brasileiro como Candomblé, Capoeira e a Umbanda também foram alvos de forte intolerância que inclusive se utilizaram de diversos

⁴ Dados discorrem sobre as seis estatísticas que mostram o abismo racial no Brasil, divulgados em 2017. Disponíveis em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/seis-estatisticas-que-mostram-o-abismo-racial-no-brasil/>> Acesso em: 10 jun 2019.

meios e aparatos legais para justificar a proibição. A capoeira, por exemplo, esteve por mais de três décadas no Código Penal Brasileiro, com penas de seis meses até um ano de reclusão. Somente nos anos de 1930, por influência do governo de Getúlio Vargas, ela foi descriminalizada (REGO, 1968). Aqueles que praticassem o Candomblé e a Umbanda, por sua vez, eram obrigados a realizarem seus cultos e manifestações religiosas na clandestinidade, em virtude da repressão policial e do preconceito social em relação às suas cerimônias religiosas, as quais muitos acreditavam ser de origem demoníaca.

Hoje também se pode verificar um pouco disso. Um dos principais vetores que ainda propagam esses pensamentos se ancora nas produções da mídia. Segundo D'Adesky (2001)

Para a população negra, a ação da mídia, em matéria de auto-estima, é extremamente prejudicial. Quando não sofre da exclusão a que é submetida, se vê desviada de sua própria realidade para ser transportada para um universo fictício de cinema e de novelas de televisão, cuja imagem geralmente estereotipada ou sem grande influência no enredo, reforça os preconceitos, podendo servir de álibi para a perpetuação do monopólio de representação do Brasil pelo branco (D'ADESKY, 2001, p.124).

O negro na mídia, quando aparece, geralmente vem carregado de estereótipos. Nos espaços midiáticos a presença é massiva de brancos, pouco ou quase não se vê os negros em grandes papéis de destaque, em propagandas das grandes e pequenas empresas de comunicação e conglomerados empresariais. Promovendo o Brasil como se fosse um país de brancos. D'Adesky (2001, p. 93) é contundente ao afirmar que “... a mídia pode ser um canal que viabiliza e aumenta a distância entre brancos e negros. E que ela pode ou não valorizar toda a diversidade cultural e racial presente no país”.

Os Estados Unidos da América (EUA) se constituem como um dos países que também demonstram forte preconceito racial entre sua população. Todavia, as grandes empresas de televisão e produtoras de filmes e séries atuam um pouco diferente quando comparadas com as do Brasil. E trazendo-os como exemplo é possível elencar algumas proximidades e distanciamentos quanto ao preconceito racial histórico e como suas produções televisuais trazem o negro.

Em um breve comparativo entre Brasil e os Estados Unidos percebe-se que há muitas coisas idênticas no que concerne à formação e a composição populacional entre esses dois países. Ambas as nações são formadas por imigrantes (portugueses e ingleses, respectivamente), além de outros povos, tais como nativos, colonizadores (portugueses e britânicos), negros (africanos), africanos não negros, italianos, japoneses, chineses, árabes e não árabes do Oriente Médio, coreanos, alemães, poloneses, etc.

O interessante é que a mistura desses povos nos dois países, fizeram e construíram o que são hoje enquanto nação. A diferença que se observa é na forma de percepção do preconceito racial: explícito nos Estados Unidos; velado no Brasil.

No entanto, mesmo com um preconceito racial mais evidente no EUA, as possibilidades de ascensão são bem maiores do que no Brasil. Após a quebra do *Apartheid*⁵ norte-americano uma quantidade significativa de negros pôde frequentar universidades e escolas básicas e puderam ascender em diversas áreas (militar, justiça, educação, política, etc.).

No Brasil, este *apartheid* subliminar só muito recentemente estava sendo iniciado nas universidades. Talvez isso explique a diferença de destaques profissionais (carreiras mais prestigiosas). As duas únicas áreas, no Brasil, em que os cidadãos de origem negra se destacam são a cultura e o esporte.

Ainda assim, na cultura prevalece a área da música em detrimento de outras. No desporto, o futebol ainda reina, mas boa parte do atletismo é composta por negros e até mesmo a ginástica olímpica (predominada por brancos) já possui atletas negros de destaque⁶. Em comum estas duas áreas têm a característica de não exigirem diploma de terceiro grau ou mesmo uma melhor escolaridade.

Nos Estados Unidos é bem mais comum a participação ativa dos negros nos mais diversos lugares e ocupando oportunidades, tidas como de classe média. Não implica dizer que inexistem negros no desporto e na música, pois há. No entanto, não se restringem apenas a tais espaços, pelas razões que já foram mencionadas anteriormente. Um fator importante que colaborou para que isso fosse possível foi à criação de cotas raciais nas universidades do país ainda em 1969 e que no Brasil ocorreu há poucos anos⁷. E isso oportunizou a presença e ascensão negra as diversas profissões. Obviamente que essa atitude não foi algo perfeito e cheio de sucessos quando ocorreu, mas se constituiu como uma excelente iniciativa para a diversidade no campo acadêmico e profissional daquela nação.

⁵ O Apartheid norte-americano consistiu numa segregação racial que teve início nos EUA após a Guerra Civil e a consequente abolição do regime escravista no Sul do país, na segunda metade do século XIX. Em linhas gerais, pode ser definido como um tipo de política de Estado que objetivava separar indivíduos ou grupos de indivíduos de uma mesma sociedade por meio de critérios raciais (ou étnicos). Desta forma, os negros tinham horários, dias e ambientes pré-estabelecidos pelo governo para frequentar.

⁶ Informações disponíveis em: <<http://direito.folha.uol.com.br/blog/brasil-e-a-supremacia-dos-esportistas-brancos>> Acesso em: 11 set. de 2019.

⁷ Os 50 anos de cotas raciais nos EUA. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/sociedade/os-50-anos-das-cotas-raciais-nas-universidades-dos-eua-que-deu-certo-o-que-deu-errado-23611718>> Acesso em: 11 set. 2019.

A grande mídia com suas telenovelas, telejornais, programas de entretenimento e diversos outros segmentos da teledramaturgia atuam como poderosa ferramenta de quebra de paradigmas concernentes a essa temática. Será que, atualmente as emissoras de televisão em suas grades de programação possuem uma maior preocupação e cuidado em não propagar atitudes racistas que possam acabar sendo uma espécie de espelho para o seu público?

Nos EUA a mistura de raças e povos se deu tal qual ocorreu no Brasil, no entanto, diversas telenovelas, séries e minisséries americanas trazem consigo um grande número de negros em seu elenco, outras possuem em seu elenco uma quase totalidade de negros. E isso acaba mostrando que os EUA não é só um país formado por brancos, mas que também existem negros e negras com grande capacidade artística e a mídia de lá faz isso.

Embora se tenha caminhado, em território brasileiro, a passos curtos para uma consciência mais efetiva sobre o assunto, isso não ocasionou num movimento negro eficiente para se ganhar uma visibilidade ainda maior na mídia e mercado de trabalho. Com grandes proporções sociais, morais e políticas como ocorrera nos EUA, com grandes líderes que foram em busca da igualdade, tais como: Martin Luther King, Jesse Jackson, Andrew Young, Julian Bond, figuras de destaque na luta pela causa e respeito aos negros.

O Centro Brasileiro de Informação e Documentação do Artista Negro (CIDAN), criado no Brasil em 1990, surgiu com o objetivo de incluir participações mais efetivas de negros na teledramaturgia, cinema e no teatro brasileiro, almejando uma maior visibilidade nacional e internacional.

O Centro foi idealizado com o objetivo de ampliar a formação negra para atuação em tais áreas e provar a existência de vários outros excelentes atores e atrizes. Zezé Motta (2010), atriz, ativista social e fundadora do CIDAN, declara que

No fim dos anos 70, muitos diretores e produtores de teatro, cinema e TV, de todo o Brasil e até da Europa, constantemente me ligavam solicitando atrizes e atores da ‘raça’ para suas produções. Reclamavam do que consideravam a ‘realidade’: os mais jovens tinham vícios de interpretação, despreparo, não decoravam texto... Segundo eles, os únicos éramos Ruth de Souza, Zezé Motta, Lea Gracia, Nelson Xavier, Benê Silva, João Acaiabe, Gésio Amadeu, Augusto Pompêo, Milton Gonçalves, Paulo Barbosa, Antonio Pitanga! Sempre nós, sempre os mesmos! (MOTTA, 2010, p. 201).

Apesar disso, ainda não foi possível vencer o preconceito racial nas telinhas das emissoras de televisão nacional, mas se tornou um grande marco para o aparecimento e cobranças efetivas para uma maior diversidade racial nas programações das emissoras de televisão.

A luta pela igualdade de direitos do povo negro nos EUA (um pouco mais de 12% de negros e pardos no total da sua população) e Brasil (que possui mais de 50% de negros e pardos em sua população) se deu de diferentes maneiras. No entanto, vale refletir, como isso é sentido atualmente no Brasil e como as televisões brasileiras refletem essa composição étnica em seus principais produtos veiculados diariamente e que são vendidos para diversas nações e continentes.

A representação social na mídia e o seu impacto simbólico sob o imaginário social agem de forma contundente para manter, ampliar ou tentar reduzir tais desigualdades e sobre isso se discorre a seguir.

3 IDENTIDADE E RELAÇÕES SOCIAIS: AS AÇÕES AFIRMATIVAS, O IMAGINÁRIO SOCIAL E A LEITURA CRÍTICA DA MÍDIA

“Temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza; temos o direito de ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza” (Boaventura de Souza Santos).

Este capítulo insere-se no debate que fomenta a importância sobre os estudos de representação simbólica e do imaginário social mediados pelos veículos de comunicação e suas programações, em especial as telenovelas. Pontuando-se a temática étnico-racial, busca-se também, apresentar conceitos de autores da área sobre as representações sociais no viés da produção de identidade e representações sociais na abordagem das ações afirmativas e como tudo isso ocorre.

Tais aspectos se tornam necessários, pois se verifica o quanto a mídia e, em especial as telenovelas, objeto de estudo desta pesquisa, pode se constituir como uma poderosa ferramenta de propagação de preconceitos diversos. E se ela pode ser usada como uma ferramenta propagadora de preconceitos, ela também possui condições de se tornar um instrumento que lute contra isso.

Foi construída uma sequência de itens que se relaciona e que permite uma melhor compreensão sobre todos esses conceitos e aplicações. Colaborando para que se compreenda de forma mais efetiva tudo o que ocorre no Brasil em relação a tais temas e abordagens entre a mídia e a participação de negros e não negros em suas telenovelas, os quais são: conceitos de identidade cultural e representação simbólica.

3.1 A Identidade Cultural para Stuart Hall

Uma das grandes referências sobre os estudos de identidade cultural é o pesquisador Stuart Hall. Em sua principal obra, intitulada de *A Identidade Cultural na Pós Modernidade* (2015), o autor apresenta três concepções distintas sobre como a identidade se manifesta no sujeito e classifica-as em: Sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo, para Stuart Hall (2015), é um indivíduo totalmente “centrado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação” (HALL, 2015, p.10). Este indivíduo teria em si uma essência que carregaria consigo ao longo de toda a sua vida.

Observa-se, assim, que nesta primeira concepção se tem uma perspectiva mais individualista da composição deste sujeito.

A segunda concepção que ele apresenta, a do sujeito sociológico, forma-se a partir da complexidade que o mundo moderno adquire. Para Hall (2015) o indivíduo passa a se construir e construir suas concepções identitárias através da relação com os demais sujeitos e experiências que adquire ao longo de sua vida. Aqui é perceptível que se sustenta uma concepção de indivíduo solitário. Portanto, o sujeito deixa de ser autônomo e autossuficiente para se constituir a partir da relação entre o “eu” e a “sociedade”, ou, de outra maneira, entre o “interior” e o “exterior”, sendo a identidade uma costura do sujeito à estrutura.

Contudo, e aqui se encontra o argumento central de seus estudos e observações, são exatamente estas últimas características que estão em transformação e dão conta do que o autor chama de sujeito pós-moderno. Ou seja, do sujeito que não mais possui uma identidade unificada e estável, mas sim fragmentada e composta por várias identidades, por vezes contraditórias e não resolvidas e em constantes mudanças. Assim, prossegue Hall (2015, p.11), “o próprio processo de identificação [...] tornou-se mais provisório, variável e problemático”, tornando a identidade uma “celebração móvel”, “formada e transformada continuamente”.

A última concepção que ele elenca é a do argumento da modernidade e é, de certa forma, repensado por Hall a partir de novas categorias. Como afirma o próprio autor, “as identidades não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” (HALL, 2015, p.30). Ou seja, a ideia de nação se sustenta por ser uma comunidade simbólica que consegue contribuir para a criação de uma cultura nacional, pretensamente homogênea, que se torna característica chave da industrialização e um dispositivo da modernidade.

Hall (2015) enfatiza as questões que relacionam a linguagem enquanto operadora das estruturas de poder, da política, das próprias instituições e, principalmente, da cultura. Tal ênfase é fundamentada porque Hall afirma que a cultura é como um “local crítico da ação social e de intervenção, onde as relações de poder são estabelecidas e potencialmente instáveis” (Hall, 2015, p. 34). Para ele, a Identidade Cultural também é o local em que podem ser observadas as rupturas promovidas pela pós-modernidade.

As formas de identificação e de como a identidade, conforme Hall (1999), se manifestam e entrelaçam-se na mídia como algo que determina, sugere, dita as regras e modifica a maneira do indivíduo pensar. Portanto, são formadas e transformadas pelos laços sociais nos quais, os veículos de comunicação e todas as suas programações são fatores que

interferem diretamente nessa identificação ou não, em como os indivíduos se reconhecem e conhecem os demais.

3.2 Outras Concepções de Identidade e Relações Sociais

Já para os conceitos de representação social, utiliza-se Elias (1980) e (2000) e Joaquim (2001) que também discorrem sobre o conceito de identidade. Vale salientar que Elias (1980), destaca a interdependência entre os indivíduos, como também, a relação de poder constituída entre os estabelecidos e os *outsiders*⁸. Já Joaquim (2001), relaciona a construção da identidade de um indivíduo a partir do momento que este assume seu envolvimento e pertencimento a um determinado grupo social.

Para Joaquim (2001, p. 54), a noção de identidade, “consiste num fenômeno derivado da dialética entre um indivíduo e a sociedade” e vai além, destacando que os tipos de identidade são produtos socialmente determinados. Ou seja, esta identidade cultural e por vezes de caráter mais social é vista como algo que está relacionada aquilo que o indivíduo atribui, de forma positiva, a um grupo de referência, com o qual partilha satisfatoriamente valores e tradições.

Portanto, a pessoa que se reconhece, assume e se orgulha de seu pertencimento a população negra, por exemplo, está mais propícia a contribuir com si mesma e com o grupo ao qual pertence. Joaquim (2001) exemplifica como é possível essa construção e manifestação da identidade. Vejamos: Uma das manifestações de identidade social é a identidade étnica, que permite apreender a própria etnicidade e constitui a principal característica do grupo étnico.

Uma das manifestações de identidade social é a identidade étnica, que permite apreender a própria etnicidade e constitui a principal característica do grupo étnico. (...) O principal significado emocional de pertinência a um grupo étnico é um princípio organizador e mobilizador de interesse de grupos específicos, com isto podendo possuir uma conotação positiva. Grupos étnicos são grupos cujos membros possuem uma identidade distinta e atribuída e, ao mesmo tempo, têm, basicamente, cultura, origem e história comuns (JOAQUIM, 2001, p. 52).

⁸*Outsiders*: é aquele que não se enquadra na sociedade, que vive à margem das convenções sociais e determina seu próprio estilo de vida, através de crenças e valores. Disponível em: <www.dicionarioinformal.com.br/outsiders> Acesso em: 21 de Nov de 2019.

De acordo com a autora supracitada, a identidade do (a) negro (a) escravo (a) foi perdida a partir do momento em que se deu o “tráfico interno”, onde, tanto o seu nome, quanto a sua condição de ser humano lhe foi cerceada para se tornar “objeto pertencente ao colonizador”. Retomar esta identidade perdida tem sido uma luta constante da população negra. Tendo em vista que os negros não encontram representação racial nos mais diversos setores e espaços da sociedade. Estimulados pela própria mídia, acaba-se construindo uma falsa visão de que apenas os brancos são os perfis mais ideais para atuar nos mais diferentes âmbitos profissionais e isso interfere diretamente na identificação, identidade e cultura do povo negro.

Conforme destaca Elias (1980) a identidade é definida a partir de configurações que compreende os indivíduos e as teias de interdependência formadas nesta relação. A identidade é construída socialmente através do controle de emoções onde as relações expressam necessidades emocionais do eu e do nós. “O sentido que cada um tem de sua identidade está estreitamente relacionado com as relações de nós e de eles no nosso próprio grupo e com a nossa posição dentro dessas unidades que designamos nós e eles” (ELIAS, 1980, p. 139).

Para compreender a identidade de um indivíduo, portanto, é necessário compreender como ocorre a trama de relações sociais em que este está inserido. Seu comportamento tem origem no controle externo exercido pela sociedade e também, pelo autocontrole impregnado em cada indivíduo que o diferencia do outro.

Com isto, Elias (2000) chama atenção que precisamos tratar as diferenças, enquanto um problema que precisa ser entendido no conjunto da sociedade, buscando o entendimento da relação de poder entre aqueles que se reconhecem no grupo dos *Estabelecidos* e os que estão entre os *Outsiders*. Um grupo, ao estigmatizar o outro, se coloca no centro do poder. Sua estratégia é rotular o grupo como inferior para, desta forma, manter a superioridade social e racial. Assim, o grupo estigmatizado constrói uma autoimagem inferiorizada e acaba não tendo espaços para ascender socialmente, bem como não encontra espelhos que reflitam a sua capacidade profissional e intelectual.

Ainda para Elias (2000), ao longo do tempo, sofrendo a inferioridade, este grupo vai criando cicatrizes e até acredita que é mesmo inferior. Assim, é possível que uma criança que sempre foi estigmatizada, incorpore a inferioridade. Esta criança cresce percebendo e “sentindo na pele” o processo civilizador imposto a situação vivida pelo seu povo através do tratamento que lhe é dado, seja pela família, vizinhos, colegas, professores, polícia, etc.

A imagem negativa sobre um determinado grupo, leva as pessoas a serem julgadas e tratadas negativamente. Até as próprias pessoas do grupo se julgam inferiorizadas e incapazes. Por vezes procuram até a companhia de pessoas que pertencem ao grupo que as oprimem, para terem a falsa ideia de aceitação, ou que não são tão inferiores assim. Pois, o descrédito atribuído a um grupo que é inferiorizado atinge todas as pessoas que se identificam neste grupo, provocando a baixa autoestima.

Os *outsiders* que não se conhecem, não se encontram, não se fortalecem e não se identificam são constantemente excluídos e facilmente postos à margem da sociedade desenvolvida. É nesse aspecto que os grupos devem procurar promover tudo aquilo que julgam ser de riqueza cultural e/ou social sobre sua raça, costumes, cultura. Só assim, terão seus direitos garantidos e serão reconhecidos pelo que são e não pelo que querem impor.

As iniciativas de formação de grupos é um sinal de unidade entre os menos favorecidos (como os negros e as negras do Brasil), dando-lhe forças para unir os traços da solidariedade e assim fortalecer a construção de identidade de um grupo. Isto ajuda os pares a resolver/amenizar os seus problemas e a se unirem em busca de ideais comuns e de vencerem problemáticas que venham a enfrentar.

No processo de construção da identidade os grupos menos favorecidos economicamente, politicamente e socialmente, lutam por políticas públicas de afirmação para que possam ser reconhecidos e valorizados por sua identidade e dignos de obter os mesmos direitos sociais.

Porém, é possível retornar e retomar a identidade do (a) negro (a) no momento em que se abrem espaços para a realização do ser, da educação, da cultura, dos valores e dos costumes de um povo, que durante muito tempo foi impedido de se expressar. “Suas emoções foram controladas com imposição de um processo civilizador” (ELIAS, 1980, p. 47).

A forma de expressão da negritude, ou seja, a identidade do negro, no vestir, no trançar o cabelo, no dançar (entre diversas outras expressões) contribui para manter e fortalecer a cultura afro-brasileira como expressão e valorização da sua identidade e de resistência para que o negro e a negra reafirmem o seu pertencimento e sua identidade étnica. Ao destacar o pertencimento e a identificação, as pessoas que se auto-declaram negras, têm em si a consciência de sua identidade. Para Joaquim (2001):

Saber ser negro é viver a experiência de ter sua identidade negada, mas é também e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em sua potencialidade. Essa identidade daí emergente é necessária, por ser historicamente formada em uma sociedade ambígua e

multifacetada. Uma identidade, ao mesmo tempo, étnica e política, não somente individual, mas também coletiva. (JOAQUIM, 2001, p.56)

No entanto, as pessoas que não demonstram as características afro-descendentes no vestir, dançar e trançar do cabelo não se tornam menos negras. Apenas incorporam o estilo mais social e atual da sociedade. Não querendo ou não sentindo vontade de demonstrar tais características como suas.

Diante do exposto, conclui-se que o termo identidade corresponde a um conjunto de aspectos políticos e sociais, individuais e coletivos, assumidos por uma pessoa. Cada um vai sendo identificado, de forma diferente, a partir do seu grupo de pertencimento e, desta forma, vai construindo e assumindo uma identidade e pertencimento neste grupo.

A identidade vai sendo construída e se adaptando aos grupos, aos lugares, aos costumes, as opções feitas por cada um e tendo esse viés social, a mídia funciona como um poderoso vetor para problematização, aceitação ou recusa desta identificação e valorização da cultura do outro ou do eu. Mas, para que isso ocorra é preciso romper com as ideias da dominação de um grupo sobre o outro e da hegemonia. Para que isso de fato ocorra à leitura crítica da mídia torna-se um caminho extremamente fértil para que seja possível romper esses extremos.

3.3 As políticas de ações afirmativas para negros e o imaginário social

O preconceito para com o negro no Brasil é sempre associado aos anos de escravidão em que viveu. No entanto, outros fatores também precisam ser levados em conta. A falta de acesso a uma educação de qualidade, a falta de oportunidades de trabalho em grandes empresas e no serviço público, entre outras situações.

Esses seriam os primeiros passos para que fosse possível inserir os negros na sociedade e mercado de trabalho em condições de vida sociais e educacionais igualitárias, bem como uma maneira de minimizar toda a exclusão social que esse povo já passou (HASENBALG, 2005). Os negros ainda são aqueles que estão em grande desvantagem nas áreas mencionadas.

Os números são ainda mais acentuados quando se percebe a alta evasão escolar entre esse povo, chegando a 50% dos estudantes que se encontravam nessa situação, além de que em sua grande maioria viam de famílias pobres, chefiadas pela mãe e com renda inferior a dois salários mínimos (Munanga, 2006). Esses dados não são apenas na educação básica, no

ensino superior também se refletem, e em alguns cursos superiores, tidos como de elite de igual forma, como por exemplo, os cursos de medicina, engenharias e direito. Costumeiramente, com predominância de brancos em suas turmas.

Conforme pesquisas feitas pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República, relatam que as ações afirmativas e cotas raciais para o ingresso em cursos de graduação, têm alavancado o acesso a diversos cursos de graduação e pós-graduação, bem como oportunizam uma maior abertura no mercado de trabalho por apresentarem uma formação mais sólida.

Para Baccega (2003) o Estado deve agir de forma direta nessas situações, para ele

Quando há resposta e encorajamento político do Estado com o objetivo de eliminar ou, no mínimo, de reduzir os elevados índices de discriminações, sejam de raça, cor, etnia ou gênero, as relações poderão ser positivamente modificadas. É que pressão direta do Estado, nesse sentido, sempre proporciona resultados favoráveis. Daí ser grande a responsabilidade desse Estado em elaborar mecanismos políticos de implementação da equidade, de cidadania plena, que levam à democratização da sociedade (BACCCEGA, 2003, p. 30).

No artigo 3º da Constituição Federal (BRASIL, 1988) estão elencados os principais objetivos do Estado Brasileiro, quais são:

Art. 3º. Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

- I. Construir uma sociedade livre, justa e solidária;
 - II. Garantir o desenvolvimento nacional;
 - III. Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
 - IV. Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, de raça, de sexo, de cor, de idade e quaisquer outras formas de discriminações.
- (BRASIL, 1988, p. 9).

O Estado com seu poder e recursos deve, de fato, administrar e criar ferramentas que venham romper com qualquer tipo de discriminação seja qual for sua natureza. E as ações afirmativas para negros, são apenas uma das muitas iniciativas que podem ser cada vez mais ampliadas.

Logo, se o Estado não age nessas áreas, as disparidades sociais, educacionais e econômicas aumentarão cada vez mais. É importante citar que as desigualdades sofridas pelos negros também ocorrem de forma efetiva em diversos outros espaços, profissional principalmente. Frydman (1980) enfatiza que, de maneira geral, aquelas ocupações que

exigem maior força física, menor criatividade e que são feitos de maneira repetitivas são os mais ocupados por negros.

Tais atitudes são reflexos ainda do tempo de escravidão e preconceitos cristalizados pela sociedade. Munanga (1996) diz que

Os sistemas de dominação racistas combinam e alteram violências psicológicas com violências culturais e físicas. Cristalizam formas de desprezo social pelas etnias racisadas, produzem exclusões da competição no mercado de trabalho e quebram sistematicamente os direitos universais. Os racismos matam, aniquilam, destroem a memória possível dos aniquilados. Os racismos incidem nos processos de acesso ao poder, repartição de renda, aquisição de bens e serviços. Por esse aspecto podemos explicar a existência e permanência dos racismos nas sociedades capitalistas (MUNANGA, 1996, p. 149).

Para minimizar tais situações e tentar inserir os negros cada vez na sociedade brasileira é que surgiram as leis e políticos de acesso ao ensino superior, vagas em concursos públicos e diversas outras iniciativas do poder público visando o desenvolvimento de um país mais igualitário e justo.

A Lei nº 12.990, de 2014, estabelece que 20% das vagas em concursos públicos federais devem ser reservadas para candidatos negros e pardos. Alguns estados e municípios também possuem leis próprias nesse sentido de reserva de vagas para candidatos negros e pardos.

É necessário também que haja o combate massivo a ambientes exclusivamente compostos por brancos. Leis obrigatórias que garantam o acesso de mulheres negras na política (embora tenho uma obrigação mínima, mas sempre colocam qualquer nome para não terem problemas com a justiça eleitoral, mas os homens são sempre os escolhidos para comporem a chapa principal de candidaturas), entre outros exemplos...

Todos esses exemplos vêm mostrar o quanto os ambientes educacionais, acadêmicos, profissionais diversos, políticos e midiáticos ainda estão repletos de preconceito e o quanto tais atitudes permanecem cristalizadas no imaginário social do país

Com base nessas premissas abordadas, é possível afirmar que o imaginário possui uma função social crucial para um povo, para uma nação. Tendo em vista que é a partir da luta política, da busca pela legitimação e ideologias de um regime político que é elaborado um trabalho que busca um imaginário que venha romper com estigmas e crie iniciativas e reflexões que venham mobilizar as pessoas.

Nesse imaginário social “as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado seu presente e futuro... O imaginário social é

constituído e se expressa por ideologias e utopias... e... por símbolos, alegorias, rituais, mitos” (DURAND, 1988, p. 11). Desta maneira, o imaginário social se torna uma constante luta política que almeja o poder e a dominação de grupos sociais e suas ideologias.

O imaginário social é constituído de elementos que ultrapassam o discurso racional, possuindo um caráter mais simbólico e figurativo, de função mais cognitiva e social. A imaginação é, assim, criativa e relativamente autônoma quando analisada no sujeito. As imagens e suas relações surgem no indivíduo sem que este tenha o controle sobre elas (DURAND, 1988).

Ainda para Durand (1988) ela tem uma faculdade de agrupar as diferentes esferas de existência como, por exemplo, o pensamento, a emoção e a ação que se dão por meio da função transcendente e de simbolização, ou seja, tudo aquilo que é feito pelo sujeito, é sentido e entendido de forma plena de maneira afetiva e racional. As imagens produzidas se transformam em ideais e conceitos desenvolvidos através do processo contínuo e inerente ao ser humano que é a racionalização.

O imaginário social se desenvolve através de diferentes maneiras, contextos e atitudes e também se dá instigado pelos meios de comunicação. O preconceito e o racismo disfarçados e cristalizados podem ser propagados pela mídia, bem como o debate e a problematização. E assim surge uma real necessidade do quão importante é a leitura crítica da mídia e como então esse imaginário social se desvelará.

3.4 A importância da leitura crítica da mídia para o combate as discriminações raciais

É de suma importância informar e ampliar o debate para que se reconheça que no mundo globalizado o papel da mídia é fundamental para desenvolver atitudes de respeito, igualdade e fraternidade entre seu povo.

Em todo o mundo, e no Brasil não é diferente, é sabido que existe uma grande monopolização de grandes corporações midiáticas que disputam o espaço público global e nacional. Os meios de comunicação de massa atuam como uma poderosa engrenagem na produção capitalista que impede uma visão externa crítica de seus leitores, ouvintes ou telespectadores.

A comunicação e todas as suas programações diárias deveriam ser fundamentais para se construir a cidadania. No entanto, nem sempre é o que se verifica. Por vezes, os interesses

da sociedade e dos movimentos sociais que lutam por suas reivindicações legítimas não encontram espaço nem no governo nem na mídia.

Seus donos e sócios majoritários nem sempre estão dispostos e se preocupam com a pauta que a sociedade precisa. Geralmente administradas por brancos e ricos, que visam o lucro e a ampliação de suas empresas, esses grandes conglomerados midiáticos pouco se importam com as causas e lutas de minorias e/ou movimento negro por mais oportunidades (BACCEGA, 2003).

A televisão no Brasil é possuidora de uma força poderosa e potencializada pela ausência significativa de acesso a outras fontes. Apesar de que isso venha mudando muito com o advento da internet. Imersos nessa realidade, não se pode esperar que iniciativas de equiparação racial venham partir delas e que veremos na mesma proporcionalidade brancos e negros em suas grades de programação ou até mesmo a valorização da cultura do negro.

Preparar, desde a escola básica, as crianças e jovens para saber usar a mídia é uma tarefa crucial para não que não sejam inferiorizados ou sintam-se menos capazes simplesmente por serem negros, ou pobres, ou por residirem em favelas ou no sertão, por exemplo (BACCEGA, 2003).

A leitura crítica da mídia que se propõe aqui, não é aquela que se limita à leitura cotidiana de um jornal ou análise superficial de um veículo eletrônico. E sim a de que “... antes de lerem o mundo por olhares alheios, aprendam antes a ler com seus próprios olhos e suas próprias narrativas” (ELIAS, 2000, p.129). Desta forma será possível a construção do conhecimento e oportuniza a transformação do sujeito como protagonista da sua própria história. Revelando sua identidade, sua cultura e seus costumes, sem que tais atributos sejam influenciados pelo que a mídia sugere.

Através disso, o cidadão mirim adquire o pensamento crítico e percepção direta e age como agente mobilizador na sua realidade. Oportunizando o desenvolvimento de diversas outras capacidades e que o tornará, sem dúvidas, um consumidor midiático mais crítico em relação ao que vê e ouve na TV.

Para Baccega (2003)

A formação do cidadão, atributo da escola, passa hoje obrigatoriamente pela habilitação do cidadão para ler os meios de comunicação, sabendo desvelar os implícitos que a edição esconde; sendo capaz de diferenciar, entre os valores dos produtores do meio, aqueles que estão mais de acordo com a identidade de sua nação; reconhecendo os posicionamentos ideológicos de manutenção do *status quo* ou de construção de uma variável histórica mais justa e igualitária. E, para isso, a escola não pode esquecer-se do ecossistema

comunicativo no qual vivem os alunos. Ou seja, o a escola colabora para democratizar o acesso permanente a esse ecossistema comunicativo ou continuará a operar no sentido da exclusão, tornando maiores s abismos existentes (BACCEGA, 2003, p. 81).

Baccega (2003) declara que para isso é necessário se aprender a ler a mídia para que ela não molde a nossa identidade. É preciso decodificar os sentidos explícitos e implícitos que são utilizados em suas narrativas, suas subjetividades, ocultamento, fragmentação e inversão, pois tais critérios oportunizam uma deliberada manipulação da informação.

Exclusão de negros na TV quer dizer alguma coisa. Negros que aparecem nas telenovelas sempre em favelas querem transmitir uma mensagem. E tudo isso precisa ser discutido, analisado e revisto. É preciso fornecer elementos para se fazerem a leitura crítica da mídia a partir da leitura crítica de mundo, primordialmente no âmbito escolar bem como nas mais diversas comunidades e grupos sociais para que estabeleçam uma relação e conexão entre fragmentos dos fatos e toda a sua historicidade.

A leitura crítica da mídia deve ser aplicada em toda a indústria cultural, nos seus mais diferentes suportes e formatos. Pois já faz parte do imaginário social em todas as suas formas de expressão, constituindo-se como elementos do imaginário social.

A desproporção de negros e brancos na televisão quer dizer alguma coisa. A presença constante de negros sendo mostrados em favelas e profissões sem tanto *status* revelam um pensamento, uma ideologia. E tudo isso precisa ser lido e observado de maneira crítica, pois se constitui como uma violência simbólica. Pierre Bourdieu (2002) afirma que violência simbólica é tudo aquilo que legitima ou contribui para a subordinação ou dominação de um grupo social sobre o outro.

O efeito de dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos do 'habitus' e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma (BOURDIEU, 2002, p. 49).

Se observarmos atentamente, será fácil perceber o quanto a dominação de um grupo sobre outro age fortemente na mídia: o branco sobre o negro, o homem sobre a mulher, ricos sobre os pobres, aqueles que moram nos grandes centros urbanos sobre aqueles que residem nas comunidades rurais afastadas das cidades e assim por diante. Essas veiculações acabam por se tornando tão repetitivas que ficam inseridas no imaginário social e acaba-se tornando um pensamento vigorante e visto como comum.

É preciso romper com o pensamento de servilismo seja qual for o campo do preconceito: racial, sexista, social, geográfico ou educacional. E a leitura crítica da mídia que perpassa as discussões que envolvem a tais observações é fundamental para também se tornar uma política social de combate ao preconceito e racismo tão alicerçados e cristalizados nas mídias.

A partir dessa necessidade real, verificaremos no capítulo seguinte como e em qual contexto surgiu uma das maiores empresas de comunicação do país. Será que a população brasileira estava e está preparada para desenvolver essa leitura crítica das telenovelas, principal produto da Rede Globo desde o início de suas atividades? Atualmente, como ela representa os negros, negras, brancos e brancas na teledramaturgia?

4 REDE GLOBO: REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADE DOS NEGROS NAS TELENÓVELAS

Debruçado sobre a fonte, Narciso sacia a sede: sua imagem já não é 'outra', ela é sua própria superfície que o absorve, que o seduz, de forma que ele pode apenas aproximar-se sem nunca passar além dela, pois ele só existe além na medida da distância reflexiva entre ele e ela. O espelho d'água não é uma superfície de reflexão, mas de absorção (Jean Baudrillard).

Não se torna exagero afirmar que, na atualidade, a TV continua sendo um dos principais elos entre a sociedade e o mundo. Presente em todo o território nacional, a TV se consolida como uma das principais fontes de informação, diversão e conhecimento dos acontecimentos sociais para um número expressivo de brasileiros.

A grande influência da televisão no imaginário social brasileiro é algo muito forte e visível no país. A Rede Globo, por exemplo, é a emissora líder de audiência no território nacional e com o seu principal produto de entretenimento, as telenovelas, ganha um importante espaço e influência diretamente as identidades e representações sociais que são desencadeadas através de seus folhetins diários.

É exatamente a audiência da programação veiculada pela Rede Globo que permite discutir a existência efetiva da influência da TV na vida das pessoas, modificando e transformando (ou não) suas realidades. O que se percebe é que alguns assuntos acabam ganhando grande visibilidade, quando então são por ela abordados, definindo pautas e comportamentos, mobilizando a opinião pública.

No entanto, a emissora tem uma longa história e soube utilizar diversas estratégias para ser e se manter como a líder de audiência no Brasil. Conseguindo, até hoje, vender seus principais produtos televisivos (as telenovelas) para diversos continentes. Vejamos como tudo isso começou.

4.1 A Rede Globo e o seu principal produto: as telenovelas

A Rede Globo é uma emissora de televisão brasileira, com sede no Rio de Janeiro (RJ) e possui uma grande aceitação não só nacionalmente, mas também internacionalmente. Sua

audiência e credibilidade, embora vez ou outra abalada, é detentora de uma grande e considerada aceitabilidade em todas as programações que veicula diariamente.

Quando surgiu, pertencia ao grupo jornalístico da família Marinho, que já possuía o consolidado jornal O Globo (vespertino de grande tiragem no Rio de Janeiro), integrado ainda a Rádio Globo e pela Rio Gráfica Editora. Tendo o ano de 1925 como inicial nas atividades das empresas Globo e Irineu Marinho como fundador. Só veio a se expandir na década de 50, quando fez diversos empréstimos fornecidos pelo Banco do Brasil e quando o grupo passou a ter Roberto Marinho como presidente da organização.

Conforme Melo (1988)

A Rede Globo iniciou seu funcionamento, no Rio de Janeiro, quinze anos após a implantação da televisão no Brasil (o que acontecera em São Paulo, em 1950) e depois da instalação de emissoras em diferentes regiões do país: Sul (Porto Alegre), Centro (Belo Horizonte e Brasília) e Nordeste (Salvador, Recife e Fortaleza). A concessão do canal foi feita pelo governo federal em 30/12/1957 e a estruturação da emissora (importação de equipamento, construção do edifício, treinamento de pessoal etc.) durou oito anos. A primeira emissão foi ao ar em 26 de abril de 1965, um ano depois do golpe militar (MELO, 1988, p. 13).

Apesar da emissora de TV iniciar o seu funcionamento com uma grande estrutura física, profissionais capacitados e os melhores equipamentos da época, o que se observou naquele primeiro ano de atividades foi uma fraca audiência. Para Souza (1984, p. 61) “Foram dias difíceis os primeiros dias, como difíceis foram os primeiros meses. Os índices de audiência ficaram muito abaixo das previsões mais realistas. Imagem boa, filmes interessantes, operação quase perfeita, mas nada de alcançar sucesso popular”.

A Rede Globo não estava sendo a primeira emissora do país e não mostrou qualquer inovação além das programações que já existiam nas demais concorrentes e isso não provocou a conquista de uma grande audiência. Essa situação só foi mudada no ano seguinte, 1966, quando fortes chuvas caíram no Rio de Janeiro (RJ), provocando uma série de inundações na cidade e na própria emissora.

Para Melo (1988) esse foi um momento muito importante para os diretores da emissora naquele ano, pois a partir disso foi decidido interromper a programação em alguns horários e colocar as câmeras na rua para que fosse possível mostrar em tempo real toda a desolação do povo e, ao mesmo tempo, realizar uma campanha de solidariedade às vítimas. Toda a cidade mobilizou-se e foi entregar donativos na sede da Rede Globo para serem doados aos mais atingidos e foi aí que a emissora passou a merecer a simpatia da população

local e conquistar mais audiência, estimulada e sustentada pelo jornal e estação de rádio do mesmo grupo.

Um fator que contribuiu para que a emissora continuasse crescendo em termos de audiência foi à preocupação que se teve com a realização de pesquisas. A partir do momento que se observou que quanto mais as programações estivessem voltadas para a realidade do público mais se tinha fidelidade e aceitação nas programações. A estação de televisão passou a ter o cuidado e atenção de ouvir os expectadores e passou a fazer pesquisas de opinião. Frydman (1980, p. 43) diz que “Ninguém usava pesquisa para saber o que estava errado em um programa que não ia bem, quais eram as expectativas e desejos dos telespectadores em relação à programação de TV”.

Através das pesquisas, a emissora começou a compreender o seu público, necessidades, frustrações nos mais diferentes setores que atuava, dentre eles: o entretenimento, o jornalismo, cultura e serviços. Isso ocasionou numa oportunidade de prestar um melhor serviço e um melhor produto no contexto da televisão brasileira e foi o que se viu nas décadas seguintes: uma grande audiência.

Sobre a concorrência para a Rede Globo, Melo (1988) afirma que

A competição inicial resumia-se a duas redes (Bandeirantes e Record) que possuíam amplitude nacional, mas não gozavam da penetração conquistada pela emissora da Família Marinho, cuja imagem foi sendo recebida pela maioria dos municípios brasileiros. Posteriormente (princípio da década de 80) surgiram duas novas redes (Manchete e Sílvio Santos), bem mais estruturadas tecnicamente e potentes economicamente, as quais começaram a disputar as preferências do mercado (MELO, 1988, p. 19).

Melo (1988) relata ainda que o aparecimento de tais emissoras podem até ter neutralizado o quase monopólio desenvolvido pela Globo na década de 1970, mas não abalou a liderança dela que, em resposta a essas novas emissoras, efetuou diversas alterações na programação, principalmente no setor de ficção e de serviços. Objetivando criar programas que pudessem atrair ainda mais os telespectadores.

A produção dos programas é feita na maior parte no Rio de Janeiro, seguido por São Paulo. Além disso, possui diversas afiliadas em território nacional e sucursais próprias espalhadas por diversos países e em diferentes continentes. Com uma diversidade vasta, sua audiência sempre se ancorou em telejornais e mais tarde em telenovelas, tornando-se o principal produto cultural da emissora.

Campedelli (1985) afirma que a telenovela chegou ao Brasil na década de 1950, via Buenos Aires. Na época, o auge se voltava para as emissoras radiofônicas, com suas populares radionovelas. Coube aos dramaturgos a missão de adaptar e popularizar as radionovelas de maior sucesso para as telinhas.

A primeira telenovela que obteve significativa audiência no Brasil foi exibida em 1964, pela TV Tupi, que exibiu o *Direito de Nascer*, escrita pelo cubano Felix Caignet. A partir disso, a TV Tupi e a Record, passaram a investir massivamente no gênero. Já a Rede Globo, que começou a operar em 1965, começou a investir na área se valendo dessa experiência já existente no país. Não estava sendo a pioneira, no entanto, se aproveitaria de toda a experiência boa e ruim das emissoras que já estavam trabalhando com o gênero.

Melo (1988) chega a afirmar que a Rede Globo contratou alguns dos melhores dramaturgos e atores que atuavam na concorrência, e isso ocorreu logo num momento em que as referidas concorrentes enfrentavam crises de sobrevivência econômica. O mesmo autor diz ainda que

Sua linha de atuação era a de encomendar aos novelistas brasileiros a criação ou adaptação de obras vivenciadas em outros países ou em outras épocas, conduzindo assim a fantasia dos telespectadores para cenários localizados fora do Brasil. Esse período coincide com o crescimento do público telespectador no país e também com a ascensão dos militares ao poder, o que significou a escalada da repressão política e consequentemente a permanência noturna das pessoas, em casa, restando-lhes como opção de lazer a audiência dos programas de televisão, em particular das telenovelas (MELO, 1988, p. 27).

A primeira exibição de telenovela pela Rede Globo ocorreu em abril de 1965, logo no início de suas primeiras transmissões, e foi intitulada de *Ilusões Perdidas*, escrita por Enia Petri. A novela inaugurava o horário das 20h, que a emissora dedicou unicamente à dramaturgia. No mesmo ano outras telenovelas também passaram a ser exibidas, tais como: *Rosinha do Sobrado* (agosto de 1965); *Marina* (agosto de 1965); *Pecado de Mulher* (setembro de 1965); *Paixão de Outono* (setembro de 1965); *A Moreninha* (outubro de 1965); *O Ébrio* (novembro de 1965); *Um Rosto de Mulher* (dezembro de 1965) e *Padre Tião* (dezembro de 1965). O que se percebe nesse ano é que das nove telenovelas veiculadas, em cinco delas se fazia alusão a figura feminina já no título.

Nos anos seguintes, a Rede Globo se consolidou nesse mercado e anos depois começou a exportar telenovelas para diversos países. A primeira telenovela exportada pela emissora foi *Gabriela*, em 1975, para Portugal. Após essa primeira experiência de venda para emissoras lusitanas e com uma grande aceitação, a empresa começou a trabalhar seriamente

com o mercado mundial, exportando para mais de 128 países, dentre eles: Itália, França, China, Líbano, Macau, Polônia, Hungria e outros (MELO, 1988).

Naqueles anos, as principais resistências aos produtos televisivos brasileiros vinham do México, Estados Unidos e Argentina, que também eram grandes produtores na área. Desempenhando um papel importante na popularização da telenovela no Brasil e no mundo, a emissora foi a cada ano inovando e buscando aperfeiçoar ainda mais os seus produtos. Kerl (1986, p. 289) afirma que as novelas da Globo, cumpriram “... o papel de oferecer ao brasileiro desenraizado que perdeu sua identidade cultural um espelho glamurizado, mais próximo da realidade de seu desejo do que da realidade de sua vida”.

A autora e pesquisadora afirma isso com base no conceito de que a emissora sempre buscou conhecer e captar os desejos emergentes dos telespectadores. Não criava tão somente ilusão, fantasia. Tinha como objetivo retratar aquilo que mais se aproximasse do que o público esperava e isso foi o que assegurou o êxito das produções televisuais.

Uma das grandes preocupações para exportação de telenovelas da emissora se davam na qualidade do produto e a universalidade da temática. Para exportar, era necessário possuir uma qualidade muito alta de imagem e boa atuação dos personagens. Tinha-se e ainda tem o cuidado de não produzir algo simplesmente para uma audiência local, com um tema demasiadamente nacional, porque a audiência dos países importadores poderia não se identificar e tornar o produto incompreensível.

Antola e Rogers (1984) destacam que isso já ocorreu com a emissora, apesar de terem essa atenção. Segundo os autores, em 1976, o Brasil exportou *O Bem Amado*, uma telenovela que obteve altos índices de audiência no país, mas que não foi tão bem aceita em países hispano-americanos pelo fato de que o tema era demasiado local. Contudo, cinco anos mais tarde, em 1981, o Brasil entrou no mercado hispânico novamente com a telenovela intitulada *A Escrava Isaura*. A temática, mesmo que de origem brasileira, era comum a diversos países e esta produção se tornou um dos maiores sucessos mundiais na época.

Até o ano de 1970 a emissora possuía novelas sendo exibidas às 19h, 20h e 22h. Em 1975, em mais uma inovação e em pleno auge do sucesso de seu principal produto, inaugurou o horário das 18h destinado também para telenovelas, dedicado a literatura nacional e cuja tendência literária perdurou até 1982. Mas o horário se consolidou até os dias atuais. Nesse horário, o máximo de luxo e requinte era observado.

No horário das 19h, temáticas do cotidiano eram mais comuns, tramas mais simples. No horário das 20h, os olhares se voltavam para os problemas debatidos e comentados junto aos enlances e desenlaces dos heróis da noite. Já na faixa das 22h as críticas, reflexões sociais e

experimentações tinham vez. Em 1979, a emissora eliminou a novela das 22h e passou a usar o horário para seriados, filmes e etc.

Para Ismael Fernandes (1987), as telenovelas

Já haviam conquistado o Brasil, impondo suas marcas características. Do corte de cabelo usado por Tônia Carrero em *Pigmalião 70*, ao colar de Mário Gomes em *Duas Vidas*, assistimos a uma surpreendente avalanche promocional. Tudo vira moda quando passa pelo folhetim eletrônico da Rede Globo (FERNANDES, 1987, p. 133).

Naquela época já se percebia que as telenovelas da Globo ditavam regras, hábitos e modas. Sua cultura, riquezas e comportamentos nem sempre podiam se sobrepor e ficarem muito explícitos, pois elas poderiam ser exportadas mais tarde e os telespectadores de outros países poderiam não se identificar. O padrão para não se ater em demasia a temas muito locais e não se distanciar da realidade cotidiana existia.

Adentrando nesse espaço das telenovelas, como a Rede Globo mostrava o povo negro em suas grades? Quem era o negro e a negra nas primeiras e principais produções da emissora?

4.2 Os desafios dos negros na busca por espaços nas TVs

Não é demasiado considerar que o preconceito racial no Brasil é histórico e, em graus maiores ou menores, persiste em diversos setores da sociedade atual. A superação de tais atitudes e concepções sobre a população negra do país é, portanto, uma tarefa de todos. E, por assim ser, exige uma maior atenção sobre como essas práticas são trabalhadas ou deixadas de trabalhar nas programações de televisão.

A mídia, como um todo, sempre possuiu um papel preponderante e decisivo em manter a hegemonia da identidade brasileira. Até meados do século XX os jornais impressos tinham grande aceitação nacional e as informações mais importantes, para ganhar credibilidade, tinham antes que passar por esses veículos. A partir de 1950, a televisão começou a usurpar esse espaço que, até então, era preenchido tão apenas pelos impressos e emissoras de rádio.

A produção televisiva modernizou e instigou o imaginário brasileiro. Contribuindo para a presença massiva dos brancos nas telinhas. Valorizando e evidenciando as

características estéticas dos povos eurodescendentes. Essa atitude soava como uma vitória da ideologia do branqueamento, muito discutida e que fora implantada no século anterior.

Este construto, idealizado pelas elites brancas e conservadoras no período da pós-abolição, promoveu uma ficção em suas programações que eram marcadas por personagens brancos, altos e fortes. O que nunca correspondeu com a realidade do país.

De acordo com Araújo (2010) a presença do negro nas telenovelas brasileiras sempre representa uma natural subalternidade racial e social, em comparação com os brancos. Sobre a condição da mulher e da mulher negra na sociedade e nos espaços midiáticos, Cláudia Bonfim (2018), destaca que ao longo da história da humanidade a mulher sempre foi inferiorizada, discriminada, reprimida e excluída da vida social. A pesquisadora diz ainda que por muitos séculos a única função da mulher era desenvolver as atividades de mãe e esposa.

Muitas lutas por direitos e igualdade de gênero e racial ocorreram para que ainda hoje alcancem o mesmo patamar de direitos que os brancos (homens, em sua grande maioria). No entanto, ainda há diversas lacunas nesse espaço, existindo um duplo preconceito: o primeiro de ser mulher e o segundo negra.

É a partir dessas concepções que se torna cada vez mais necessário combater tais realidades e promover a quebra desse modelo hegemônico que atribui estereótipos negativos ao povo negro, à mulher negra e às mulheres de forma geral na mídia que, ao longo dos séculos, contribuiu para a ausência ou visões distorcidas da capacidade feminina geral e feminina negra nas programações de TV.

Não se pode negar que, quando afrodescendentes veem na TV uma representação subalterna e estereotipada do seu grupo racial, recebem mensagens de que seu segmento racial e populacional é secundário para o país e para a sociedade, e está predestinando a subalternidade (ARAÚJO, 2010, p. 37).

O segmento negro ocupa, ao longo da história nacional, um espaço de participação totalmente restrito e quando se vai verificar dados que envolvem raça e gênero se verifica uma disparidade ainda maior. Os veículos de comunicação, por sua vez, acabaram contribuindo ainda mais na perpetuação e recusa de refletir toda a riqueza da diversidade étnico-racial, capacidade do gênero feminino e outros aspectos. Há, portanto, uma grande contradição propagada pelas TVs. Partindo sempre de um olhar eurodescendente as diferenças entre personagens e os papéis representados por negros eram evidentes.

Embora se utilize muito da ficção em telenovelas e essa possa ser uma das justificativas das emissoras de TV por não representarem a realidade, é preciso considerar

que, mesmo assim, a mídia exerce poderosa influência no imaginário coletivo da sociedade. Através disso projeta o ideal de personagem e o receptor é solicitado a tomar partido, atrelando estereótipos ao negro e ampliando as desigualdades raciais, de gênero e sociais historicamente construídas.

Para Arbex (1995, p. 28), “dentro de certos limites, as emissoras têm a capacidade de interferir na escolha, de criar novos parâmetros de comportamento, de lançar modas e criar linguagens”. Em outros termos, as emissoras de televisão com suas diversas programações, dentre elas as telenovelas, possuindo uma audiência diferenciada nas grades podem e agem moldando uma imagem ideal de personagens e acabam projetando a ficção na realidade. O mesmo autor finaliza seu raciocínio afirmando que “A opinião pública (ainda) não é amorfa de argila com a qual se possa moldar qualquer coisa. Mas é obviamente crescente o poder de interferência dos meios de comunicação de massa” (ARBEX, 1995, p. 28).

Talvez seja por isso que identificamos tão poucos negros desempenhando papéis de destaques em telenovelas. Inseridos em um novo momento da história do país e do mundo, é necessário refletir sobre a necessidade de mudança de conceitos de identidade e valorização da imagem, da cultura e do protagonismo negro.

As telenovelas e a mídia como um todo, podem agir como um grande multiplicador da real identidade brasileira e se considerar como um ponto de mutação no pensar, agir, mostrar e compartilhar a promoção da consciência e condição de país formado por várias cores e gêneros e não apenas uma ou um. Moura e Barreto (2002) fazem referência à Declaração de Durban, que consta no Relatório da Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas de Intolerâncias Correlatas, realizada em 2001 na África do Sul, declara que

Reconhecemos que os meios de comunicação devem representar a diversidade de uma sociedade multicultural e desempenham um papel na luta contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata. Neste sentido, chamamos a atenção para o poder da propaganda; Lamentamos que certas mídias, ao promover imagens falsas e estereótipos negativos dos indivíduos e grupos vulneráveis, particularmente de migrantes e refugiados, têm contribuído para difundir os sentimentos racistas e xenófobos entre o público e, em alguns casos, têm incentivado a violência através de indivíduos e grupos racistas (MOURA; BARRETO, 2002, p. 56).

Se uma emissora de televisão minimiza a presença negra ou determinado gênero em suas programações ou acaba oferecendo apenas papéis secundários para esses grupos, ela difunde sim sentimentos e atitudes não condizentes com seu papel social.

O que se observa na Rede Globo é que além de trazer pouquíssimos representantes negros em seus personagens a emissora também mostra uma população quase que em sua totalidade de classe média, o que é incondizente com a realidade brasileira. Ou seja, há uma construção de um país que não existe, que não condiz com a realidade narrada. De maneira geral, os dramas quase sempre ocorrem em ambientes muito luxuosos e refinados, como se o Brasil fosse um país composto por uma alta elite branca, bela e rica aristocracia. Como, também, por jovens, belos, perfeitos de corpo e bem-nutridos.

Além disso, o respeito à diversidade, o equilíbrio de gêneros (observa-se principalmente quando se trata da participação da mulher negra) entre outras questões ainda caminham distante da realidade nacional e não são assimilados como deveriam ser nesses espaços de entretenimento.

Araújo (2010) declara que a família negra praticamente não foi retratada nas telenovelas da Globo como negros de classe média ou ocupando posição social valorizada. Além disso, o autor cita que houve uma pequena disponibilidade numérica ao longo dos anos destinados para esses atores e atrizes na emissora, bem como associação a personagens subalternos aos brancos.

Costa (1988) fala em um momento das telenovelas em que os negros só apareciam em um local: a cozinha ou o jardim dos brancos, o qual denominou essa fase de “síndrome do empregado doméstico”. Hasenbalg (1979) também faz referências a esses casos e diz que a mídia, delimita e os colocam num “lugar apropriado” ao negro na sociedade. Os papéis para os atores negros eram quase sempre menores e com reduzida importâncias nas tramas (D’ADESKY, 2001).

Já no final dos anos de 1990, Araújo (2010) observou que

Houve um aumento da diversidade negra de papéis sociais desempenhados por negros e alguns casos de famílias negras de classe média. Mas foram mantidos a sub-representação de negros, os estereótipos, o grande número de papéis de empregadas domésticas e de capangas e jagunços para atores negros. A representação de papéis não estereotipados e a família negra convivem com artifícios como: o reforço do ideal de branqueamento, a atribuição de racismo aos negros, a apresentação de personagens resignados com a discriminação racial (ARAÚJO, 2010, p. 56).

Araújo (2010) cita que no período de 1960 a 1990 a presença de atores negros como protagonistas quase não existia, salvo raras exceções. A primeira telenovela da Globo que trouxe uma negra, foi A Cabana do Pai Tomás, em 1969, que foi protagonizada por Ruth de Souza e obteve um grande sucesso, mas também veio cheia de estereótipos. Vale salientar que

a novela também trazia um protagonista negro, só que ele era branco e recebia certos tons de maquiagem para se aparentar, na tonalidade da pele, com um negro. Exigência, segundo os diretores da telenovela, feita pela principal patrocinadora das telenovelas da época, a Colgate Palmolive.

De acordo com as pesquisas feitas por Araújo (2010) a qual deu origem ao filme e livro *A Negação do Brasil*, não houve sequer um negro nos primeiros 50 anos de história da telenovela brasileira que não tenha desempenhado ou escapado do papel de escravo ou serviçal antes de ganhar papéis com maior destaque.

O autor salienta ainda que, mesmo aqueles atores que já tivessem um sólido currículo na teledramaturgia, acabaram tendo esses papéis a eles destinados, que foi o caso de Ruth de Souza, *Grande Otelo*, Milton Gonçalves e Lázaro Ramos. Em uma rápida linha do tempo das telenovelas lançadas após o ano 2000 e suas temáticas, pode-se destacar algumas que trouxeram negros e como esses negros eram evidenciados.

Em 2004, por exemplo, a Globo lançou uma telenovela que apresentava uma mulher negra como atriz principal e com um incremento maior de atores negros. Recebendo, no entanto, o estereótipo de mulher sensual, a que provocava todos os homens e os demais negros continuaram sub-representados. O título da telenovela, *A Cor do Pecado*, por si só já trazia consigo uma reflexão que o pecado tem cor e, naquela trama, a cor preta o simbolizava e se fazia existir através da sensualidade e do desejo sexual que aflorava nos demais personagens brancos.

Outras observações também podem ser feitas a partir desse contexto. A protagonista da telenovela, se relacionou com três homens (dois negros e um branco) e com comportamentos bem diferentes entre si. O primeiro fazia o tipo negro bonzinho, o negro de alma branca, submisso, fiel ao patrão branco, com valores embranquecidos. Já o segundo, era inescrupuloso, sempre buscava ganhar vantagens de tudo e de todos, sendo o personagem que mais apresentava seus valores culturais (religião, dança, culinária), mas que era visto sempre como o exótico. Por último, o terceiro homem, que era branco, demonstrava sua total altivez, dignidade, educação, inteligência, era bondoso, corajoso e ativo.

Esse exemplo vem para nos fazer refletir de que o negro para ser bom, tem que ser submisso e completamente obediente aos brancos. E quando não o é assim, ele será aquele negro trapaceiro, de má índole, que se aproveita de tudo e de todos. Ou seja, resquícios claros do imaginário social construído na época da escravidão e que de forma clara as telenovelas ainda retratam na atualidade.

Ora, podia-se trazer o negro de outra forma. Por que não mostrado que eles eram tinham uma profissão de destaque? Que eram bem-sucedidos? Tinham casas e carros invejáveis? Que suas vidas eram cerceadas pela justiça, moralidade e honestidade?

A telenovela se apresentava como uma maneira de valorização do negro, pelo quantitativo apresentado, pela protagonista ser negra. Contudo, em uma análise mais aprofundada, percebe-se que isso nada mais é do que o “novo racismo da televisão” (WIEVIORKA, 2000). Ou seja, quando novas estratégias de desvalorização, em geral mais sofisticadas, são usadas para a discriminação racial.

Ora, se por um lado se tinha um grande número de negros (homens e mulheres), no outro vinham cheios de características que eram negativas e quando comparadas aos dos brancos eram totalmente inferiores e não admiráveis. Servindo apenas para o riso, para ser o exemplo que não deve ser seguido, o objeto de desejo sexual que vive provocando os outros.

Uma outra telenovela Global que traz uma das raras famílias negras da televisão brasileira foi Senhora do Destino, exibida entre junho de 2004 e março de 2005. A construção dessa família se deu em um ambiente de total inadequação social. A esposa era uma viciada em drogas e não desenvolvia qualquer tipo de atividade laboral. O esposo era um ex-presidiário e continuava na vida do crime, cometia violência física e moral com os filhos e a mulher. A filha do casal, engravidou ainda adolescente e não cuidava do filho que tinha, ao ponto de ir para uma festa, deixá-lo sozinho e um pequeno incêndio tomar conta da casa.

Apesar de tudo isso a família modificou seu jeito. Com a chegada de um branco português e europeu genuíno, tudo passou a se modificar.

O português começou um romance com a mãe e os hábitos de todos os membros da família começaram a mudar. A partir disso, a família começou a se adequar aos padrões vistos como adequados: a mãe passou a ter uma maternidade mais responsável, a desenvolver a vivência de valores positivos, entre outros. Ou seja, tudo a partir da intervenção de um branco. Percebe-se o tripé que a narrativa evidenciou: negritude-violência-pobreza. Sendo necessária a intervenção branca-educada-rica para mudar parcialmente e aos poucos essa realidade.

Já a telenovela Duas Caras, exibida entre os anos de 2007 e 2008, também trouxe uma série de participações negras em seu elenco. Tratou de temáticas que envolviam negros na universidade, no cotidiano da periferia e casais inter-raciais. Não sendo também diferente das anteriores, trazendo estereótipos e inferiorizações do negro.

Na universidade mostrava que o negro só conseguia chegar lá através de ajudas e também sofria para se manter e acompanhar o ritmo dos estudos. Na periferia, se envolviam

em diversas situações não condizentes com padrão social e educacional vigentes e também não falavam a língua portuguesa padrão, havendo um jargão próprio do local.

Se casais inter-raciais, o negro ou a negra não era aceito (a) pelos familiares pelo fato de não estarem no mesmo nível intelectual, social ou de beleza. Se na periferia, se envolviam em diversas situações não condizentes com padrão social e também da língua portuguesa. E quando homossexuais, sofriam todas as discriminações anteriormente citadas.

Percebe-se que a ideologia de gênero e raça tenta, historicamente e inclusive nos dias atuais, através de vários artifícios, naturalizar práticas discriminatórias contra o negro e principalmente contra a mulher negra. O processo de inserção desse contingente afro na sociedade brasileira após a abolição, suas oportunidades educacionais e oportunidades no mercado de trabalho e aparecimento na mídia televisiva ainda são ínfimas e colaboram para uma grande exclusão social dessas pessoas.

É nesse contexto que a pesquisa se alicerça: numa sociedade que diz não possuir preconceito racial nem de gênero, mas que numa breve análise podemos constatar vários estereótipos racistas e inferiorização da mulher negra. Nesse sentido, propomos uma análise mais densa e específica sobre o quantitativo e qual é a identidade da mulher negra em duas telenovelas da Rede Globo: América, veiculada entre os anos de 2005; e Do Outro Lado do Paraíso, veiculada entre 2017 e 2018.

5 AS TELENÓVELAS ANALISADAS

O capítulo se destina a apresentação das duas telenovelas da Rede Globo que serão analisadas nesta pesquisa. A primeira é *América* (exibida entre 2005, com 203 capítulos) e a segunda é *O Outro Lado do Paraíso* (exibida entre os anos de 2017 e 2018, com 172 capítulos).

É feita toda uma contextualização, se apresentam as histórias principais e paralelas que nelas são veiculadas, os números de capítulos, direção, autoria, audiência, os personagens de maior destaque e as principais características da telenovela para que seja possível, posteriormente, analisarmos quem são, o que faz e quantas vezes a mulher negra é evidenciada nessas tramas.

5.1 A telenovela *América*

A telenovela *América*, exibida entre 14 de março de 2005 a cinco de novembro de 2006, possui 203 capítulos. Constitui-se como a telenovela de maior audiência registrada no período compreendido entre os anos de 2005 a 2015 e que apresenta em seu elenco a presença de negras, um dos requisitos para análise desta pesquisa.

Escrita por Glória Perez, inicialmente a direção geral foi feita por Jayme Monjardim que, pouco tempo depois, após desentendimentos com a autora renunciou a direção. E *América* passou a ser dirigida por Marcos Schechtman, em 12 de abril.

A principal temática abordada foi à questão da imigração ilegal para os Estados Unidos. Outros temas também foram veiculados paralelamente a trama principal: a deficiência visual e os preconceitos enfrentados por quem não enxerga, a cleptomania (desejo compulsivo de roubar coisas), a homossexualidade e a pedofilia. Uma das características das novelas exibidas no horário é justamente tratar temas sociais ou que estão com grande repercussão cotidiana.

O enredo principal da telenovela narra à história de uma jovem pobre que almejava chegar aos Estados Unidos para mudar a sua e a vida da família que ficara no Brasil. Porém, após ter o seu visto negado por duas vezes, a jovem decide entrar ilegalmente no país pela fronteira do México. Passando por diversos riscos, ameaças e humilhações decidiu recorrer aos coiotes, que eram grupos clandestinos que atravessam os imigrantes ilegais e transitavam

pelos desertos, pedreiras e os mais perigosos e insalubres ambientes encontrados para despistar a polícia americana.

A jovem Sol (Déborah Secco), uma das principais personagens da história, veio de uma realidade difícil e pobre. Tinha o sonho de mudar de vida e, apesar de ter encontrado o grande amor da sua vida que era Tião (Murilo Benício), conhecido e famoso em todo o território nacional por ser um dos melhores peões de montaria, não desistiu de aventurar-se no exterior e lutar pelo seu objetivo.

Ao chegar lá, ilegalmente, foi presa por tráfico de drogas, mas conseguiu fugir da cadeia e encontrar um trabalho. Dançarina de *Pole Dance*, em uma casa de festas em *Miami*, a jovem Sol, conheceu Ed (Caco Ciocler) e este passou a dar um grande apoio para ela. Ajudando-a sempre nos piores momentos vividos naquele país em que estava de forma irregular.

Já Tião (o outro protagonista da história), a quem se envolveu fortemente com Sol, tinha seu patriotismo exacerbado, amava suas raízes brasileiras, a natureza e os animais. Quando criança, viu o seu pai, Acácio (Chico Diaz), ir em busca também de um sonho na região norte do Brasil (Rondônia). Acácio ia com o objetivo de ser garimpeiro e partiu em busca do sonho de se tornar rico e melhorar a vida da família através da exploração do ouro e pedras preciosas. No entanto, dias depois, morreu no desabamento de uma gruta e não conseguiu realizar o que tanto almejou.

Tião só soube da morte do pai quando adulto e ainda pequeno tinha prometido para si mesmo ir em busca de um sonho que também tinha. O de se tornar um grande campeão de rodeios nacional e internacionalmente conhecido. Conforme foi crescendo e participando das cavalgadas e rodeios na região em que morava. Tião passou a ter diversas visões de um touro e de uma mulher. Visões que não conseguia compreender bem o seu significado.

À medida que os capítulos vão avançando, Tião chega à conclusão de que a mulher que aparecia costumeiramente em suas visões se tratava de Sol. Que tinha chegado a uma fazenda próxima a casa para visitar a madrinha. Já o touro seria um boi diferente de todos os outros da região que também havia chegado naquelas terras em que ele residia e que aquele animal iria mudar completamente sua vida.

E assim, percebe que a relação com a jovem e com o boi vinha de outras vidas e isso acaba dando uma trama espiritualista à história. A jovem Sol seria o amor da sua vida e o boi seria o animal que daria toda a repercussão, fama e dinheiro a Tião (Já que o animal era o mais feroz do país e derrubava todos os demais peões).

O Boi Bandido, como foi chamado, rapidamente se tornou o touro mais temido da região e desafiado por uma série de candidatos que eram derrubados e, por vezes, com ferimentos graves. E tais acontecimentos deram início a uma série de superstições as quais davam conta que o boi era a encarnação do falecido marido de Neuta (Dona do animal e madrinha de Sol) e por ciúmes derrubava e feria gravemente aqueles homens.

Percebe-se uma total oposição em relação aos sonhos dos dois protagonistas da telenovela. Enquanto um almeja e luta pelo sucesso financeiro para se manter em seu país, a outra busca realizar seus objetivos em terras estrangeiras e não tem medo de arriscar a própria vida para conseguir.

As tramas secundárias ficam divididas em seis histórias: Neuta e Dinho, Júnior e Zeca, A família de Raíssa, Gafieira Estudantina, Jatobá e por último a pensão de Consuelo.

Em relação à viúva Neuta (Eliane Giardini) e ao peão Dinho (Murilo Rosa) a história se tornou inusitada pelo fato dele (o peão) ser mais jovem do que ela. O romance era às escondidas, dentro do quarto dela e por ser uma viúva influente e de respeito, ela não quis tornar o relacionamento público e só o revelou no último capítulo da novela.

Já Júnior e Zeca formaram o casal *gay* da telenovela. Júnior (Bruno Gagliasso) era o único filho de Neuta (Eliane Giardini). Na trama é um homossexual que omite sua opção sexual, pois tem medo de decepcionar e envergonhar sua mãe. Tendo sido criado para assumir o posto de fazendeiro no lugar de sua mãe e como tinha sido o seu pai Sinval (que sempre foi muito bem lembrado por sua mãe) voltou para casa após a conclusão dos estudos na cidade grande. Todavia, não se identificou com os serviços da fazenda. Seu principal objetivo era de ser um grande estilista, contudo, não consegue se abrir para a mãe.

Para enganar sua mãe, ele acabou dizendo que era o pai do filho da Maria Breteira Ellis (Sílvia Buarque), que ficou grávida após relacionamento com um peão. Os dois casaram-se e se tornaram grandes amigos (Ellis e Júnior). Logo após o nascimento de Sinvalzinho, Ellis foge com um peão e Júnior e Neuta passam a cuidar da criança. Sem sua confidente, Júnior se envolveu com outra jovem, no entanto, não houve uma proximidade e identificação entre ambos.

Júnior sentia mesmo uma atração pelo Tião (Murilo Benício), mas quando Zeca (Erom Cordeiro) foi contratado por sua mãe para cuidar da fazenda ele apaixonou-se completamente.

Observando que seu filho mudava de comportamento na presença de Zeca, a viúva Neuta decidiu demitir o peão e isso colaborou para que Júnior assumisse o seu amor por ele. Antes desse fato, vem à tona que o Sinval, o falecido esposo de Neuta, não era nada exemplar como dizia ela. Na verdade, não quis saber e nem reconhecer a paternidade, jogava, bebia e

era um tremendo cafajeste. Júnior e Zeca concluem a novela juntos e também realizando um grande desfile com suas criações e desenhos.

A seguinte trama paralela era sobre a família de Raíssa, que se dava no Rio de Janeiro (RJ). Glauco (Edson Celulari), Haydée (Christiane Torloni) e a filha que tinham, a jovem Raíssa (Mariana Ximenes) viviam numa conturbada e estranha relação familiar. Eles pertenciam à classe média, mas escondiam uma série de problemas e dificuldades familiares.

Glauco tinha uma amante, a advogada Nina (Cissa Guimarães) a quem sempre prometia pedir o divórcio no casamento para com ela ficar. Haydée não casou com o grande amor da sua vida, preferiu Glauco por ele ter mais condições financeiras para lhe oferecer uma vida melhor. Ao se deparar com o grande amor da sua vida, Tony (Florian Peixoto), percebeu que o amor ainda não tinha morrido e que ainda sentia atração por ele. Isso a tornou uma mulher insegura e não totalmente feliz na relação com Glauco e colaborando para que ela se tornasse uma cleptomaníaca.

A filha do casal, Raíssa, demonstra ser uma jovem do século XXI. Resolvida, independente, que corre atrás do que quer e acredita sem qualquer tipo de medo nos objetivos e sonhos que quer realizar. Porém, quando descobre que compõe um triângulo amoroso fica totalmente sem chão. Antonio Carlos, o Tony, por quem tinha se apaixonado, era o mesmo homem que a sua mãe amava. Haydée resolveu se afastar de Tony para abrir o caminho para a filha e Tony buscou se afastar de Raíssa, que começou a desenvolver um comportamento rebelde e agressivo.

Raíssa começou a se vestir de qualquer jeito, vai para as favelas participar de bailes *funk*, coloca *piercing*, desenvolve amizades com jovens de outras classes sociais. Chegando até a participar e criar métodos e meios para o tráfico de drogas, tendo sido assediada por Alex (Thiago Lacerda), que enganou toda a família da jovem e foi preso no altar, antes da cerimônia de matrimônio

Raíssa entra num período ainda mais conturbado com a família quando Glauco se apaixona por sua amiga Lurdinha (Cléo Pires) e abre mão de tudo para viver a paixão. Nina e Haydée chegaram a unir forças para se vingarem de Glauco, pois se sentiram objetos em desuso abandonados pelo empresário galã e ele chegou até ser preso por sonegação de impostos, denunciado por elas.

Ao final, Lurdinha fez Glauco devolver todo o dinheiro devido ao Fisco e casaram-se num luau. Haydée buscou um tratamento para se curar da cleptomania e depois viajou para encontrar-se com Tony, em *Miami*. Raíssa vai viajar sozinha em busca de novos ares e outras pessoas. Nina, encontrou um novo namorado, Pedro Paulo (Werner Schünemann), o qual era

casado e que ela só veio descobrir posteriormente, estando fadada a reviver tudo o que já tinha vivido com Glauco.

A gafeira estudantina ocorre na Vila Isabel, Rio de Janeiro, local em que Sol nasceu e viveu a sua infância. Na vila há uma mercearia, que tem por proprietário o senhor Gomes (Walter Breda) e que realiza diversas apresentações musicais no comércio. O senhor Gomes é defensor da moral e dos bons costumes, policial aposentado, mas vem a ser desmascarado por não ter uma moral tão ilibada quanto a que demonstra possuir. Descubrem que ele é o pai de Farinha (Mussunzinho), fruto de uma relação fora do casamento.

Ali também vive Creuza (Juliana Paes), aparentemente uma religiosa séria, recatada e serva de Deus, mas que se relaciona com todo o tipo de homem às escondidas vestindo apenas uma *lingerie*. Feitosa (Aílton Graça) também vive por ali e tem um relacionamento extremamente complicado com Islene (Neuza Borges).

A trama que envolve Jatobá, deficiente visual, que apesar dessa condição vive uma vida normal, surge também à participação de uma garotinha chamada Flor, que não enxerga e possuía uma superproteção de sua mãe Islene. Jatobá realiza todo o tipo de atividades, esportes e danças e estimula a mãe da jovem Flor a permitir que a menina também possa viver de uma maneira mais feliz e plena a vida e é severamente repreendido por isso. Ao final, ele se casa com a ex-namorada e continua tendo uma vida totalmente feliz e normal.

A pensão de Consuelo, localizada em *Miami*, é o local para diversas outras histórias e serve como descanso para diversos imigrantes latinos e esse é o espaço para as cenas que envolvem pedofilia em bate-papos. Mas que no final, o pedófilo é preso e os demais envolvidos aprendem uma grande lição.

América foi uma das telenovelas de maior sucesso da Rede Globo nesses primeiros anos do século XXI, tendo sido lançada para o mercado internacional em 2006, e assim foi adquirida por diversos países das Américas e da Europa, tais como: Venezuela, Bolívia, Canadá, Portugal, Costa Rica e outros, segundo o site Memória Globo⁹ que traz todos os registros dos programas da emissora. Já em 2008 chegou à Índia e também foi exibida para vários locais da Ásia e Índia.

Já o seu elenco era bastante diversificado, composto por brancos e negros, homens e mulheres e tratava de temas que tanto retratavam as classes mais favorecidas da sociedade como as menos favorecidas. As cenas externas foram gravadas em vários lugares, que

⁹ Site Memória Globo, disponível em: <WWW.memoriaglobo.globo/america>. Acesso em: 21 abr.2019.

compreenderam desertos de países vizinhos ao Brasil, praias e principais locais turísticos dos Estados Unidos, como também algumas favelas existentes no Rio de Janeiro e São Paulo.

5.2 A telenovela *O Outro Lado do Paraíso*

Exibida entre os anos de 2017 e 2018, a telenovela *O Outro Lado do Paraíso*, obteve uma das maiores audiências desde 2016, atingindo uma média de 45 pontos no IBOPE¹⁰. E como apresentou uma audiência considerada e presença negra em seus personagens compôs a análise desta pesquisa.

Escrita por Walcyr Carrasco e direção geral de André Felipe Binder, a telenovela foi exibida entre 23 de outubro de 2017 a 11 de maio de 2018, totalizando 172 capítulos. As principais gravações ocorreram no Tocantins. A trama principal discorre sobre Clara (Bianca Bin). A jovem vive num ambiente simples e tem uma vida totalmente tranquila ao lado do seu avô Josafá (Lima Duarte). Ambos vivem trabalhando em um bar em frente a uma estrada, no Jalapão. Avô e neta sentem muito a falta de Jonas (Eucir de Souza), filho de Josafá e pai de Clara, pois ele morreu numa explosão quando procurava esmeraldas na região.

Com o auxílio de Mercedes, amiga, vidente e curandeira, Clara começa a atuar como professora de crianças no quilombo e também fica muito próxima de um médico voluntário chamado Renato (Rafael Cardoso), que desenvolve trabalhos por lá e é completamente apaixonado por ela.

Num dia de folga, Clara conhece Gael (Sérgio Guizé), herdeiro da família mais poderosa e influente de Palmas e que muda totalmente o destino dela. Logo ao conhecer Gael sentiu uma atração pelo rapaz e foi correspondida através de seus olhares, gestos e palavras. Em pouco tempo noivam e se casam, incentivados por Sophia (Marieta Severo), mãe de Gael.

Sophia nessa história se interessa por essa relação ao descobrir que as terras da nora são cheias de pedras preciosas e enxerga nessa oportunidade a chance de salvar a decadência financeira da sua família.

Clara e Gael casam-se e vão morar em Palmas. Porém, o conto de fadas acaba rapidamente. Já na noite de núpcias, Clara é agredida por seu esposo. E isso se tornou rotina e a levou por diversas vezes ao hospital por conta dos machucados feitos pelo marido. Desestimulada, cansada e triste por toda aquela situação, decidi denunciar a situação, mas logo é surpreendida por uma gravidez e decidi recuar da denúncia.

¹⁰ Disponível em: www.ibope.com.br/audienciateleovelasglobo. Acesso em: 28 set. de 2019.

A sogra de Clara tenta por todas as formas convencê-la na exploração das terras, mas a jovem recusa por crer que tais pedras são amaldiçoadas porque foi indo em busca delas que seu pai morreu

Decepciona com a atitude de sua nora e após o nascimento do neto, Sophia provoca o divórcio de Gael e Clara. Ao observar que Livia (irmã de Gael) tinha um grande carinho pelo sobrinho, Sophia prometeu entregar Tomaz (filho de Gael e Clara) se ela se comprometesse a drogar Clara. De posse de chantagens emocionais e profissionais, Sophia conseguiu laudos e exames falsos com médicos e psiquiatra e apoio de um delegado para que afirmassem a sua insanidade mental. E consegue uma autorização judicial para internarem a força.

Com a guarda do neto, Sophia conseguiu expulsar Josafá de suas terras e começar a exploração das terras em busca das esmeraldas. Gael que estava viajando, ao voltar, estranha o sumiço de Clara, mas a vilã o convence que foi a mãe do seu neto que abandonou a família e que estava sem enviar notícias a um grande tempo.

Preso na clínica que ficava numa ilha, Clara conheceu Beatriz (Nathalia Timberg) que também tinha sido internada à força pela neta. As duas se tornaram amigas e aprenderam diversas coisas juntas, tais como: literatura, cultura em geral, história da arte... pois Beatriz era extremamente culta, debilitada pela idade, mas muito intelectual. E também acabou revelando que possuía uma grande fortuna escondida na sua residência e terminou fazendo um testamento passando todos os seus bens para a amiga.

Após dez anos, Clara conseguiu fugir do hospício e surgiu milionária para todos. Com o sentimento de vingança aflorando em sua mente, seu desejo era o de vingança de sua principal inimiga: a sogra.

Nessa batalha ela conseguiu o apoio do advogado Patrick (Thiago Fragoso). Além de querer tentar recuperar seus bens, era seu desejo conseguir a guarda do filho que teve com Gael e que após todo o desfecho e internação dela, a criança passou a ser criada pela tia Livia (Grazi Massafera) que era irmã de Gael. Ao término da história, Clara consegue reverter à situação. Recuperar seus bens, o amor do seu filho e internar Sophia em um manicômio.

As tramas paralelas são divididas em oito momentos: O misticismo de Mercedes; O passado de Caetana; Identidade roubada; A filha rejeitada; A dupla de Samuel; Racismo; Pedofilia; A filha adotada.

A primeira trama paralela a principal aborda o misticismo de Mercedes (Fernanda Montenegro), que é conhecedora de ritos, rezas e plantas que curam as pessoas de diversas doenças. É crente que o mundo vai acabar e só o estado do Tocantins vai ficar e por essa

razão estoca alimentos e itens de necessidades básicas e avisa para todas as pessoas suas visões.

No passado, Mercedes previu o futuro de Clara, além de também ter vivido um relacionamento com Josafá e que só se afastaram por conta de intrigas feitas por Caetana (Laura Cardoso), dona de um bordel da cidade. No decorrer da telenovela, se reaproximaram e reataram o romance não totalmente vivido e chegam a se casar no término da trama.

Já a segunda trama paralelamente discorre sobre o passado de Caetana. Ela é a proprietária de um bordel na cidade fictícia de Pedra Santa. Nesse espaço, circulam homens extremamente poderosos, tais como garimpeiros, empresários e políticos. O espaço de prostituição tem um sócio misterioso: Mariano (Juliano Cazaré), um garimpeiro de forte influência na região. No entanto, só foi revelada a identidade do sócio depois que Clara saiu do hospício, tendo sido ela a delatora.

Leandra (Mayana Neiva) era uma importante ajudante no bordel e foi quem substituiu Caetana que logo ficou doente. Vale salientar que no prostíbulo também trabalhavam diversas outras mulheres. Algum tempo depois e percebendo que a morte se aproximava, Caetana se arrepende de ter separado Mercedes e Josafá e, logo em seguida, revela que tem uma filha com Josafá. Após ter contado sobre sua maternidade e pedido desculpas do seu passado, a cafetina morre e em sua homenagem é feita uma festa que tem a cantora Pablo Vittar como atração de seu velório.

Já sobre a identidade roubada, é contada uma história na qual Elizabeth (Glória Pires), vinda de origem pobre e humilde, casada com um diplomata bem-sucedido tem uma vida, aparentemente, perfeita. Mas que seu sogro não a aceita por sua origem. Como Henrique (Emílio de Mello) viaja muito, seu sogro decide se aproximar de uma de suas amigas para que a estimule a sair e conhecer outros homens. Isso feito, Elizabeth conhece Renan (Marcello Novaes), se encontram por diversas vezes e se relacionam. O sogro então encontra um detetive e o contrata para fotografar as vezes que se relaciona com outro homem.

Ao saber do que estava acontecendo, Henrique a perdoa e decidem ir morar fora do Brasil. Mas antes de Elizabeth encontrar Renan para terminar o relacionamento, ele sofre um grave acidente e morre. Tudo não passava de mais um dos planos do sogro dela. Depois da morte do seu amante, Beth foi convencida a forjar sua morte, se tornou alcoólatra, foi para o Tocantins e lá se tornou outra pessoa, assumindo uma nova identidade.

Beth se transformou em Duda e passou a ser sócia do bordel, no passado ela já tinha sido prostituta. Anos depois, reencontrou Clara e descobriu que ela era a sua primogênita que

foi arrancada de seus braços. Com o passar do tempo ela se envolve em um crime para salvar a filha, reencontra Renan e se torna uma estilista de sucesso.

Na história sobre a filha forjada uma anã ganha às atenções. Estela (Juliana Caldas) percebe a negação da sua mãe por sua condição que a deixou no exterior por muitos anos e quando retornou ao Tocantins continuou a sofrer com o comportamento da sua mãe. Tempos depois conheceu Amaro (Pedro Carvalho), começou um namoro que teve uma curta duração, já que o rapaz tinha interesse por seu dinheiro e não nutria um sentimento verdadeiro por ela. No entanto, ele perde a visão em um acidente e Estela o ajuda e já no final da novela eles se casam.

A trama seguinte relata a dupla de Samuel, que consiste na situação de que o psiquiatra Samuel (Eriberto Leão) é homossexual, mas que esconde de sua mãe. Ele se casa com uma enfermeira, contudo, mantém um relacionamento em segredo com Cido (Rafael Zulu). Toda essa história é descoberta por Clara e é ela quem revela para toda a sociedade a dupla relação do psiquiatra. Por não o ter perdoado por sua colaboração no plano de internação, Clara sentiu-se vingada ao fazer tudo isso. Apesar de toda exposição, a mãe de Samuel acaba o aceitando, sua esposa engravida, tenta reconquistá-lo, mas não obtém sucesso.

Já no que se refere à trama sobre o racismo, é narrado o fato de uma jovem empregada doméstica e negra chegar à casa de um juiz em Palmas e acabar se apaixonando pelo filho dos patrões, um rapaz branco e estudante de direito. Raquel (Erika Januza) se envolve com Diego (Arthur Aguiar), a moça não é aceita pela família do rapaz e sofre preconceitos por sua cor.

A situação foi tão desgastante que chegou ao ponto de que optaram em demitir a empregada que retornou ao quilombo do qual tinha saído. Decidiu estudar direito, se tornou uma juíza e anos depois encontrou Bruno novamente e ficam juntos no final da telenovela.

Sobre a pedofilia, também discutida na trama, a problemática gira em torno do delegado de Palmas, Vinícius (Flávio Tolezani) que é esposo de Lorena (Sandra Corveloni), mulher mais velha do que ele e que já tinha uma filha de outro relacionamento. Laura (Luísa Bastos) sempre se esquivou do seu padrasto, evitava ficar a sós e não suportava sua presença e sua mãe nunca desconfiou de nada. Após o casamento com Rafael (Igor Angelkorte), Laura desenvolve uma série de problemas e acaba se abrindo para o seu esposo e uma amiga do casal que era molestada quando criança. Eles procuram a justiça e conseguem incriminar o padrasto pedófilo.

Por fim, a filha adotada discorre a respeito de um sonho de ser mãe. Lívia (Grazi Massafera) vivenciou um aborto malsucedido e não consegue engravidar novamente. Razão

essa que a estimulou a ajudar Sophia a drogar e internar Clara, para que assim fosse possível ficar cuidando do sobrinho. Quando Clara apareceu após os dez anos interna na clínica e Renato (Rafael Cardoso), esposo de Livia, decidiu ajudar o menino a encontrar sua mãe biológica, eles se divorciam.

Com isso, Livia se relaciona com Mariano e, logo após, descobre que o namorado é ex-amante de Sophia e foi adotada a contragosto pela vilã. Apesar disso, ela tenta fugir com o sobrinho e Mariano. Mas, o plano não tem sucesso e Sophia tenta matar Mariano com uma tesourada, ele sobrevive, testemunha contra ela e fica com Livia, que consegue engravidar no final da telenovela.

6 MÉTODO

Após esse histórico nacional da presença negra no Brasil e como surgiu à principal emissora de televisão do país com suas telenovelas de alcance mundial, chega-se a parte mais importante desta pesquisa. Uma vez que não se propõe apenas uma revisão bibliográfica.

Nesta etapa se oportuniza compreender qual a identidade da(s) personagem(ns) negra(s), seu tempo de exibição verbal e quais imagens, comportamentos e situações são a elas dadas nas telenovelas selecionadas: *América* e *O Outro Lado do Paraíso*, veiculadas pela Rede Globo em 2005 e 2017/2018, respectivamente.

Escolheu-se pesquisar telenovela pela razão de ela ser um gênero cujas preferências antecedem o surgimento da televisão, pois já existiam nos tempos áureos do rádio e eram denominadas de radionovelas e que, a partir do surgimento da televisão, as preferências por esse gênero continuaram crescendo.

A justificativa para escolha da emissora se dá por ela ser a principal do país e ter grande nível de aceitabilidade dos telespectadores brasileiros. Já em relação às duas telenovelas se deu pelo fato de que ambas trazem personagens negras em suas tramas, além de terem obtido uma grande audiência em relação às demais e, também, terem sido exportadas para diversos países e continentes.

Já em relação à opção pelo horário (21h) se dá por ele ser considerado o horário nobre da televisão brasileira, ou seja, o período de grande audiência exibido durante as noites e no horário do jantar, quando a audiência é consideravelmente maior em comparação com os demais horários de exibição de telenovelas.

No que diz respeito aos anos escolhidos, pretendeu-se selecionar uma telenovela mais antiga e outra mais recente para que fosse possível analisar possíveis evoluções ou continuação de estereótipos e construções distorcidas da identidade da mulher negra. Desta forma, os anos foram divididos com a seguinte lógica: Recorte total compreendido entre os anos de 2005 a 2018 (duração de 14 anos); selecionando uma telenovela nos primeiros sete anos (2005 a 2011) e outra telenovela nos últimos sete anos (2012 a 2018). Para ser selecionada, se fez necessário se tinham negras em seus personagens, tido audiência considerável e ter sido exportada.

Os anos de 2019 e 2020 foram desconsiderados tendo em vista que a produção desta dissertação se iniciou em meados de 2018. Já os anos anteriores a 2005 foram descartados por serem obsoletos e não apresentarem dados e informações tão importantes. Vale salientar que os dados aqui apresentados, são todos de telenovelas do século XXI. O que se espera é que,

com todo o avanço temporal, tecnológico, social e econômica, algo de benéfico tenha surgido para toda a população negra, em especial as mulheres.

A proposta de ter mulheres como sujeitos de pesquisa foi à busca para compreender alguns aspectos da especificidade da dupla discriminação, de raça e de gênero em telenovelas, subsidiando as discussões já existentes e especificando ainda mais essa temática.

Assim, optou-se por analisar a participação de mulheres negras nas telenovelas por capítulos, pois só assim seria possível compreender em riqueza de detalhes o máximo de informações possíveis. Se fossem analisadas cenas isoladas, informações ricas para a análise e discussão poderiam ser perdidas sendo.

O quadro a seguir simplifica os recortes compreendidos.

Quadro 1- Recortes da Pesquisa

TELENOVELA	RECORTE TEMPORAL/ANO	RECORTE TEMPORAL MÊS	NÚMERO DE CAPÍTULOS
América	2005	Março – Abril – Maio – Junho – Julho – Agosto – Setembro – Outubro – Novembro	203
O Outro Lado do Paraíso	2017 a 2018	Outubro – Novembro – Dezembro – Janeiro – Fevereiro – Março – Abril – Maio	172

Fonte: Elaboração Própria

Após a justificativa e recortes metodológicos, chega-se ao *corpus* total da pesquisa. São 375 capítulos de telenovelas, sendo 203 de *América* e 172 de *O Outro Lado do Paraíso*. Surge, então, a pergunta: como analisar tantas horas de telenovelas para se obter informações que respondam aos objetivos anteriormente colocados?

Para isso, optou-se pela Análise de Conteúdo (AC) como método de pesquisa escolhido para utilização, o qual se detalhará no tópico a seguir.

6.1 Sobre a Análise de Conteúdo

O método a ser utilizado será o da Análise de Conteúdo pelo fato de se mostrar o mais oportuno dentre os objetivos elencados e se justifica por ser um método que evidencia tendências e rotinas no que se propõe a analisar (textos, imagens, vídeos). Usar a AC oportuniza a interpretação com base em dados concretos e que podem ser repetidos para averiguação dos resultados.

Krippendorff (1990) define o método como uma técnica de investigação capaz de realizar inferências válidas e replicáveis, sendo uma análise de comunicação sistemática, objetiva e quantitativa, cuja finalidade é a de medir determinadas variáveis. Para Wimmer e Dominick (1996) o método consiste em: descrever os componentes da informação; comprovação das hipóteses sobre as características das mensagens midiáticas; comparação dos conteúdos dos meios com o mundo real; avaliação das imagens e grupos sociais concretos e estabelecimento de um ponto de partida para os efeitos dos meios. Permitindo examinar cientificamente tanto os significados, quanto os significantes (BARDIN, 2011).

De acordo com Igartua e Humanes (2004, p. 75) a AC possibilita descobrir e evidenciar o “DNA das mensagens midiáticas”, através do manejo de algumas variáveis que possibilitarão uma análise mais profunda. Como método de investigação, a Análise de Conteúdo, se constitui como uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar. Pode-se considerá-la como um único instrumento, marcado por uma grande variedade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto, qual seja a comunicação (MORAES, 1999).

Segundo Olabuenaga e Ispizúa (1989), a Análise de Conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que analisados adequadamente nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social de outro modo inacessíveis. A matéria-prima da Análise de Conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos autobiográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, telenovelas, etc. Contudo, os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a Análise de Conteúdo.

Por fim, Herscovitz (2007) afirma que a AC é um

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia, a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados, com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos, enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação. A identificação sistemática de tendências e representações obtém melhores resultados quando emprega, ao mesmo tempo, a análise quantitativa (contagem de frequências do conteúdo manifesto) e a análise qualitativa (avaliação do conteúdo latente a partir do sentido geral dos textos, do contexto onde aparece, dos meios que o veiculam e/ou dos públicos aos quais se destina) (HERSCOVITZ, 2007, p. 126-127).

A Análise de Conteúdo constitui um método de pesquisa usado para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, textos, imagens e vídeos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Esse método de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias (MORAES, 1999).

O método de AC vem sendo utilizado há bastante tempo e tem suas raízes no século XVII. Laurence Bardin (2009), pesquisadora francesa, enfatiza que já nesse período da história houveram casos individuais de ACs iniciantes. Ela declara que em 1640 ocorreram a investigação de cerca de 90 hinos religiosos, na Suécia, e que tais estudos tiveram variáveis sobre valores, complexidade estilística, temas, modalidades de aparição (favoráveis ou não).

Bardin (2009), afirma que entre 1888 e 1892, B. Bourdon (pesquisador e cientista francês) analisou através deste método o livro bíblico Êxodo e voltou a repetir e aplicar o método nos anos de 1908 e 1918 para verificar a integração de emigrantes polacos na Europa e América.

Nos anos de 1940, a AC tornou uma febre nos EUA, a qual se disseminou através da Escola de Jornalismo de Columbia e que os registros dão conta que 25% dos estudos empíricos utilizavam esse método nos Estados Unidos (BARDIN, 2009).

Após esses anos áureos, apesar de uma severa onda de descrédito dada à razão estatística, continuou ganhando adeptos das mais diferentes áreas do conhecimento. E esse interesse dos mais diversos pesquisadores a tornou algo que não se limitava apenas ao quantitativo. O caráter qualitativo ganhou espaço e a tornou um método em contínuo processo

de popularização entre os pesquisadores, principalmente com a invenção a acessibilidade das potentes máquinas computacionais nos anos de 1960 (BARDIN, 2009).

Desta forma, seguindo o que diz Herscovitz (2007), com seu caráter quali/quantitativo é possível os conteúdos e mensagens manifestas (visíveis através das porcentagens) e os latentes (ocultos ou subentendidos). Ou seja, é possível para que “se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido” (HERSCOVITZ, 2007, p. 126).

Dadas tais premissas, são estas as intenções da pesquisa aqui exposta. Que não apenas sejam evidenciados os dados estatísticos, mas que a partir deles se discuta suas significações e verificação de frequência.

6.2 As etapas da AC

Bardin (2009) divide as etapas da Análise de Conteúdo em três momentos, quais são: a pré-análise; a exploração do material; o tratamento da descrição dos resultados/inferências.

A pré-análise diz respeito a tudo aquilo que antecede os resultados. A escolha pelo objeto de estudo, seu recorte espaço/temporal, a definição do arcabouço teórico para fundamentação da pesquisa e da escolha pelos materiais são aqui definidos – como feito até então. No caso desta pesquisa foi necessário adquirir, na íntegra, as duas telenovelas objeto de estudo, vendidas pela Rede Globo e conforme foram veiculadas no Brasil quando de sua exibição.

A exploração do material é uma etapa na qual o pesquisador, depois de definidos seus objetivos e de posse de sua amostra do conteúdo a ser estudado, coloca em prática a análise. Nesta etapa, se coloca em prática a codificação e a representação do conteúdo. Em outras palavras, que dizer que é necessário a elaboração de uma ficha de análise que elenque tudo aquilo que se quer investigar e serão aplicadas no *corpus*. Cada pergunta feita recebe o nome de unidade de registro ou de análise, conforme Bardin (2009).

Por fim, o tratamento da descrição dos resultados/inferências é a parte na qual todos os dados adquiridos ao longo da exploração do material serão postos em destaque e subsidiarão inferências e interpretações acerca do que foi constatado, interpretando os resultados e dando um posicionamento conclusivo a respeito do que foi pesquisado e encontrado. Visando a clareza das unidades de análise ou de registro, elas são abordadas no tópico subsequente.

6.3 As unidades de análise ou de registro

As unidades de análise ou de registro estão inteiramente inseridas na etapa de exploração do material/codificação e consistem em perguntas que são feitas ao objeto. De forma que se venha transformar os dados brutos em elementos que venham ser interpretados e analisados pelo pesquisador.

Nesta pesquisa, foram elaboradas 15 questões, conforme se detalha logo a seguir, englobando temas e questionamentos cruciais para o estudo, de forma que contemplou todo um aparato teórico metodológico necessário para chegar aos objetivos propostos.

Quadro 2 – Ficha de análise

(Continua)

FICHA DE ANÁLISE	
1) Telenovela	(01) América (02) O Outro Lado do Paraíso
2) Capítulo	
3) Duração do capítulo	
4) Presença de negras no capítulo	(01) Protagonista (02) Coadjuvante (03) Figurante (04) Figurante/Coadjuvante (05) Não possui
5) Presença de negros no capítulo	(01) Protagonista (02) Coadjuvante (03) Figurante (04) Figurante/Coadjuvante (05) Não possui
6) Relevância da(s) negra(s) no capítulo	(01) Alta (02) Média (03) Baixa (04) Não há
7) Ambientes de exposição	(01) Ambientes externos (02) Ambientes internos (03) Ambientes externos e internos (04) Não há
8) Locais de exposição (Dentro, ao lado, em frente ou atrás)	(01) Casa (02) Lojas (03) Bancos (04) Empresas (05) Farmácias (06) Shoppings (07) Delegacia (08) Escolas ou universidades

	(09) Aeroporto (10) Rodoviária (11) Praça (12) Praia (13) Favela (14) Mansão (15) Apartamento (16) Dentro de carros (17) Dentro de aviões (18) Dentro de ônibus (19) Fórum (20) Supermercado (21) Restaurante (22) Barzinho (23) Lanchonete (24) Boates (25) Quilombos, Sítios/Fazendas (26) Lagoas e locais turísticos (27) Outro(s). Quais? _____ (28) Não há
9) Tempo total de exposição oral de mulheres negras	
10) Tempo total de exposição oral de homens negros	
11) A mulher negra é atrelada a grandes marcas, empresas e produtos no capítulo?	(01) Não (02) Sim. Quais? _____
12) O homem negro é atrelado a grandes marcas, empresas e produtos no capítulo?	(01) Não (02) Sim. Quais? _____
13) Há ocorrência de estereótipos?	(01) Não (02) Sim
14) Qual a ocupação da(s) negra(s) no capítulo?	(01) Empregada doméstica (02) Dona de casa (03) Dona de casa/aposentada (04) Diarista (05) Advogada (06) Juíza (07) Atriz (08) Estudante (09) Dançarina (10) Rezadeira/mãe de santo (11) Manicure/pedicure (12) Cabeleireira (13) Santa Milagreira (14) Empregada doméstica e estudante (15) Empregada doméstica e dona de casa (16) Empregada doméstica, dona

	de casa, dançarina
	(17) Empregada doméstica (18) Dona de casa (19) Dona de casa/aposentada (20) Diarista (21) Advogada (22) Juíza (23) Atriz (24) Estudante (25) Dançarina (26) Rezadeira/mãe de santo (27) Manicure/pedicure (28) Cabeleireira (29) Santa Milagreira (30) Empregada doméstica e estudante (31) Empregada doméstica e dona de casa (32) Empregada doméstica, dona de casa, dançarina (33) Empregada doméstica, dona de casa, dançarina e atriz (34) Dona de casa e dançarina (35) Dona de casa e cabeleireira (36) Rezadeira/mãe de santo, manicure/pedicure (37) Diarista e estudante (38) Dançarina e empregada doméstica (39) Santa milagreira, dona de casa (40) Juíza (41) Não há. (42) Outra(s). Quais_____
15) A negra aparece como dependente moral e/ou financeira de algum homem?	(01) Não (02) Sim

Fonte: Elaboração própria

A elaboração da ficha de análise não aconteceu de imediato. Foi necessário assistir alguns capítulos e observar quais eram as personagens negras, suas profissões e como cada uma se sobressaia no decorrer de alguns capítulos.

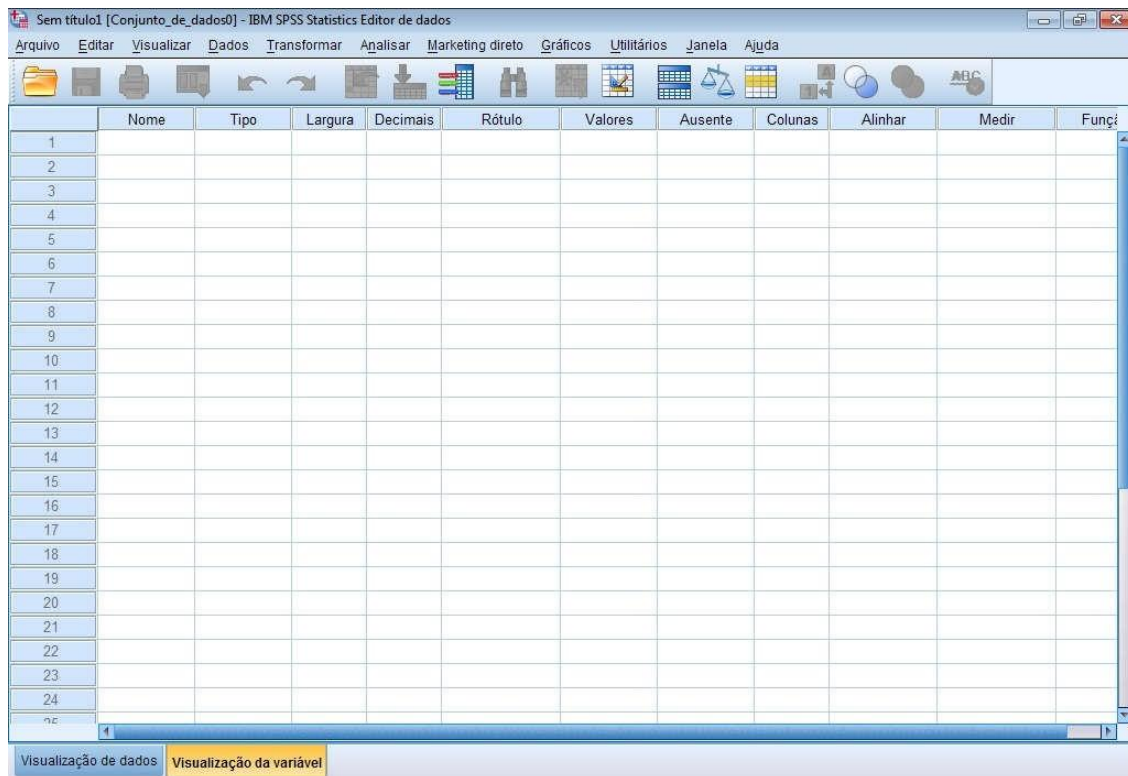
Além das indagações pessoais e postas nos objetivos deste trabalho, se ampliou um pouco mais os questionamento de forma que pudessem evidenciar outras características a tais personagens.

Após essa breve visualização do material que seria analisado, elaboraram-se alguns protótipos de ficha para teste. Nessa fase foram observados alguns erros que logo iam sendo corrigidos e após as correções, chegou-se ao modelo final.

Já para a contabilidade dos dados para se proceder a análise, foi usado o programa de computador da IBM SPSS, usado para pesquisas estatísticas das ciências sociais. O programa permite que da mesma forma que constam as unidades de análise na ficha elaborada, estejam nele e, ao final, ele lhe mostra todos os dados em tabelas, produzindo um relatório detalhado das frequências observadas e nele postas.

A imagem a seguir, mostra a principal tela do programa IBM SPSS.

Figura 1- Tela do Programa IBM SPSS



Fonte: Tela capturada do programa IBM SPSS, instalado no computador com Windows 8

Com o intuito de explicar, sanar dúvidas e evidenciar as finalidades das unidades de análise elencadas e postas no programa IBM SPSS serão, a seguir, detalhadas todas as unidades que elaboradas para o estudo realizado.

6.4 Descrevendo as unidades de análise

As unidades de análise, conforme foram visualizadas anteriormente, compõem um grupo de 15 questionamentos e observações que visam trazer comentários e problematizações quando da análise de ambas as telenovelas. Vale destacar que tanto *América* quanto *O Outro Lado do Paraíso* foram analisadas por capítulos e não por cenas. Foi feito isso para que, de posse de todos os números e dados, fosse possível relacionar o tempo total dos capítulos em minutos com a soma fala de negras também em minutos e que isso oportunizasse a comparação com as falas dos brancos.

Detalha-se em listagem todos os critérios e definições usados para marcações das unidades de análise:

1- *Telenovela*: buscou-se especificar qual a telenovela estava sendo avaliada. Se era a telenovela *América* ou a telenovela *O Outro Lado do Paraíso*, pois a análise se daria de forma independente;

2- *Capítulo*: a unidade de registro foi elaborada para referenciar qual o capítulo que estava sendo analisado. Vale salientar, que a análise exposta aqui nesta pesquisa não foi feita a partir de cenas e sim de capítulos. Já as datas em que cada capítulo foi exibido foram descartadas por não agregar, neste caso, nenhuma informação importante para os objetivos elencados;

3- *Duração do capítulo*: aqui, tinha como objetivo medir, em minutos, a duração de cada capítulo. É importante frisar que não se utilizou a nomenclatura horas e sim minutos totais. Logo, se a telenovela foi exibida durante uma hora e quatro minutos, foi utilizado o registro da seguinte forma: 64:00 minutos, fazendo uso de duas casas decimais para que o programa usado como auxílio para a análise dos dados pudessem gerar as informações de soma total destes minutos;

4- *Presença de negras no capítulo*: Apresenta o objetivo de verificar se no capítulo em análise a(s) negra(s) se apresentam como *protagonista* (atriz principal), *coadjuvante* (atriz com participações secundárias), *figurante* (quando só aparecem em segundo ou terceiro plano e não participam com falas), *figurante/coadjuvante* (em capítulos em que as negras aparecerem em cenas sem fala, quanto coadjuvantes tendo uma participação com fala e mais

tempo de exibição) e, por último, a opção *não possui* (evidenciando que naquele capítulo não aparecem negras. Vale salientar que antes desta elaboração foi realizado um breve estudo dos capítulos para que se fosse possível elaborar apenas as unidades de análise que de fato estivessem sendo evidenciadas, por isso não se aplicou, por exemplo, a variável *protagonista/figurante*, pois esta não foi identificada nos estudos iniciais;

5- *Presença de negros no capítulo*: Esta buscou os mesmos questionamentos do item anterior, porém, aqui se destaca para a presença do negro;

6- *Relevância da(s) negra(s) no capítulo*: Foram dadas as opções: *alta* (quando a negra apresenta uma importância relevante no capítulo, tais como maior tempo de fala/exibição sem preconceitos ou estereótipos atrelados no capítulo sob análise), *média* (quando há uma apresentação mediana no que concerne a fala/exibição), *baixa* (quando se evidencia a(s) negra(s) de uma forma ínfima em relação à fala/exibição) e também foi colocada a opção *não há*, para os casos em que não aparecem negras no capítulo.

7- *Ambientes de exposição*: Com quatro opções dadas, tentou-se identificar se os ambientes nos quais a negra aparece são *externos* (espaços ao ar livre, campos e locais abertos), *internos* (lugares fechados e restritos a poucas pessoas), *externos e internos* (quando aparecem em ambos os espaços) e *não há* (quando não aparecem negras no capítulo).

8- *Locais de exposição (dentro, fora, em frente, atrás)*: Buscou-se destacar quais eram os locais que mais se referenciava a personagem negra, elencando-se alguns e deixando espaço para outros que porventura não tinha sido catalogados no teste inicial. Listados todos eles, foi considerado todas as situações em que a negra não só estivesse dentro, como também ao lado, em frente ou atrás.

9- *Tempo total de exposição oral de mulheres negras*: mede em minutos e segundos o tempo total de exibição oral de negras no capítulo;

10- *Tempo total de exposição oral de homens negros*: mede em minutos e segundos o tempo total de exibição oral de negros no capítulo;

11- *A mulher negra é atrelada a grandes marcas, empresas e produtos no capítulo?*: Apenas duas opções constavam como opção: sim ou não. Qualquer marca de roupa, carros,

supermercados, bancos, produtos naturais e de outras origens que fossem atrelados a imagem da negra, ou que ela usasse, vendesse, desce depoimentos era considerado e registrado;

12- *O homem negro é atrelado a grandes marcas, empresas e produtos no capítulo?:* Apenas duas opções constavam como opção: sim ou não. Qualquer marca de roupa, carros, supermercados, bancos, produtos naturais e de outras origens que fossem atrelados a imagem da negra, ou que ela usasse, vendesse, desce depoimentos era considerado e registrado;

13- *Há ocorrências de estereótipos?:* O conceito de estereótipos que se perseguiu aqui foi conforme o entendimento de Munanga (1988), quando ele fala que o estereótipo pode ser definido como algo que funciona como um carimbo, a partir do qual a pessoa é vista sempre através de uma marca, pouco importando como realmente ela seja. Esta visão simplificada surge a partir de julgamentos, e os indivíduos acabam eternizando um conceito negativo de inferioridade sobre o outro. Algumas frases demonstram estereótipos vinculados aos negros, presentes no nosso cotidiano: Ele é negro, mas é esforçado; Ele é pretinho, mas, é educado; Ele é bonito, pena que tem o cabelo crespo; É um negro de alma branca; dentre tantos outros que giram em torno do cabelo, nariz, lábios, preguiça, indolência, atraso intelectual, tamanho dos lábios, tendências para o crime e a sexualização que provoca os homens. Assim, para esse opção elencou-se as opções *sim* e *não*, quando sim foi pelo fato de ter ocorrido e não quando inexistiu tais ocorrências.

14- *Qual a ocupação da(s) negra(s) no capítulo?:* Como feito em itens anteriores, realizou-se uma visualização prévia de quais eram as ocupações profissionais da(s) negra(s) que eram mais comuns ao longo das telenovelas e elencou-se todas elas. Além disso, também foram colocadas as opções *não há* e *outra*.

15- *A negra aparece como dependente moral e/ou financeira de algum homem?:* Entende-se como dependente moral aquela personagem que de alguma forma é inferiorizada através de palavras e/ou situações que venham a constranger e a torná-la inferior a figura masculina a qual ela é próxima. Já dependente financeira é quando a negra não possui trabalho fora do ambiente doméstico e depende financeiramente de uma figura masculina.

No próximo capítulo, são apresentados os dados e análise deles.

7 RESULTADOS E ANÁLISE

Após todo esse aporte teórico e metodológico, chega-se ao ponto crucial desta pesquisa que é análise dos dados, comentários e considerações em como as telenovelas que fazem parte do corpus selecionado trouxeram a mulher negra em suas tramas. Oportunizando a comparação com a presença e exposição oral de homens negros e demais personagens brancos.

Com fins mais didáticos e explicativos a apresentação dos dados de cada telenovela ocorre de forma individualizada. No entanto, não deixando em suas considerações finais deixar de fazer uma rápida síntese do que foi encontrado em ambas. Seguindo tais diretrizes, oportuniza-se uma pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo. Para iniciar a discussão dos resultados encontrados cabe inicialmente definir como se compreende o que é ser negro, tendo em vista que o IBGE em seus censos demográficos elenca o item da autodeclaração, critério esse que é o indivíduo que afirma ser ou não negro.

Definir o que é ser negro é uma das grandes dificuldades no Brasil, país que possui uma grande mistura de pessoas que vieram de diversos continentes do planeta. Apesar disso, aqui consideramos como negros todas as pessoas que apresentam a tonalidade de pele escura, cabelos crespos, ou seja, um fenótipo extremamente visível de suas origens afro-brasileiras.

A *priori*, são apresentados os números da telenovela *América* e, em seguida, da telenovela *O Outro Lado do Paraíso*.

7.1 A telenovela *América*

Com um total de 203 capítulos, a telenovela em questão apresenta capítulos que possuem entre 31 a 84 minutos de duração. Sendo aqueles de menor duração veiculados em dias de jogos de futebol, geralmente toda quarta-feira e os de maior duração na sexta-feira. Totalizando, conforme os critérios utilizados para soma de todos os capítulos, o equivalente a 12 397 minutos. Ou seja, 206 horas e seis minutos de programação.

Quadro 3 – Duração dos capítulos em América

Total de capítulos	Menor duração	Maior duração	Total geral
203	31,00	84,60	12.397.10

Fonte: Elaboração própria

Destes 203 capítulos analisados, foi constatado que em 48 deles a mulher negra aparece com fala e em 155 capítulos restantes não. Outro fator impressionante foi de que em mais de 200 horas de telenovelas, apenas 42 minutos e 23 segundos foi destinado a negra, conforme quadro abaixo.

Quadro 4 - Presença e tempo de negras em América

Total de Capítulos	Total de capítulos que a negra aparece com falas	Total de capítulos que a negra não aparece com fala	Tempo total (Em minutos)
203	154	49	42.23

Fonte: Elaboração própria

Outro fator interessante na tabela anterior é o fato de que se verifica uma expressiva disparidade entre o número de vezes em que a negra não aparece em participações com falas. Isso já demonstra uma total falta de credibilidade para o artista negro partindo da emissora, seus autores e diretores.

Continuou-se a verificação sobre como se dava a presença de mulheres negras nos capítulos da telenovela em estudo e os dados verificados foram os seguintes.

Quadro 5 - Presença de mulheres negras em América

	Frequência	Porcentagem
Coadjuvante	18	8,9
Figurante	52	25,6
Figurante/Coadjuvante	84	41,4
Não há	49	24,1
Total	203	100,0

Fonte: Elaboração própria

Em nenhum dos capítulos a negra é a protagonista. Em maior quantidade, ela vem como figurante e coadjuvante (41,4%). Seguido pelo papel de figurante (25,6%) e não aparece em nenhuma cena (24,1%).

Já em relação aos homens negros, os números mudam um pouco. Eles se apresentam mais como figurantes (41,4%), seguidos por figurante/coadjuvante (36%) e não aparecem em nenhum capítulo (17,2%), conforme tabela a seguir

Quadro 6 - Presença de homens negros em América

	Frequência	Porcentagem
Coadjuvante	11	5,4
Figurante	84	41,4
Figurante/Coadjuvante	73	36,0
Não há	35	17,2
Total	203	100,0

Fonte: Elaboração própria

Tais dados mostram que a mulher negra tem uma ausência considerável quando comparada com o homem negro na mesma telenovela. O homem negro, embora não tenha participações com falas, se apresenta mais do que as mulheres, embora estejam na condição de figurantes. Inferindo que o sexo feminino tem menos espaço do que o masculino. Em 154 capítulos analisados e com presença da negra, ela teve uma baixa relevância. Sem atividades importantes, falas e atitudes.

Quadro 7 - Relevância da negra nem América

	Frequência	Porcentagem
Baixa	154	75,9
Não há	49	24,1
Total	203	100,0

Fonte: Elaboração própria

Quanto aos ambientes de exposição, a maioria ocorreu em ambientes externos e internos (33%), seguido pelos ambientes internos (30%). Quando da elaboração desta unidade de análise, colocou-se ela para se ter uma noção sob qual forma a telenovela trazia a negra. Se em ambientes fechados, tentando demonstrar a ideia de que a negra deve ser mostrada como algo que está sob controle ou se livre, dona de si e de suas vontades. Embora os ambientes internos tenham ficado em segundo lugar, de acordo com o quadro a seguir, é bom frisar de que ainda assim é um número auto e que transmite uma mensagem subliminar para os telespectadores. É necessário romper com essa ideia e mostrar que a negra pode e deve ocupar o lugar e o ambiente que quiser.

Quadro 8 - Ambientes de exposição em América

	Frequência	Porcentagem
Ambientes Externos	27	13,3
Ambientes Internos	61	30,0
Ambiente Externo/Interno	67	33,0
Não há	49	23,6
Total	203	100,0

Fonte: Elaboração própria

Dadas essas informações, a indagação seguinte foi saber que lugares eram estes que a negra frequentou na telenovela América e foram obtidos os seguintes dados.

Quadro 9 - Locais de exposição em América

	Frequência	Porcentagem
Casa	57	28,1
Lojas	4	2,0
Delegacia	5	2,5
Escolas ou universidades	3	1,5
Rodoviárias	9	4,4
Praça	2	1,0
Praia	3	1,5
Favela	11	5,4
Dentro de ônibus	4	2,0
Supermercados	2	1,0
Barzinhos	40	19,7
Lanchonete	6	3,0
Boates	10	4,9
Não há	49	23,2
Total	203	100,0

Fonte: Elaboração própria

Os locais mais comuns as negras que a telenovela *América* frisou foi casa (28%), barzinhos (19,7%), favelas (5,4%) e boates (4,9%). Refletindo sobre esses números, surgem as perguntas. Em tais capítulos, viver ou ser mostrado em bares, favelas e boates foi perceptível que em nenhum destes espaços, a desempenho de alguma profissão. Sempre existe a preocupação da vida alheia, o desejo de viver de uma forma malandra, regada a festas e

shows populares. Mas, sempre em busca de uma vida mansa e sem trabalho. Essas mensagens acabam sendo absorvidas pelos telespectadores que também reproduzem aqueles mesmos pensamentos quando se deparam com situações ou experiências parecidas.

O que mais chama atenção nas participações de todos os negros, homens e mulheres nos capítulos é o tempo destinado para ambos os sexos. Vejamos:

Quadro 10 – Tempo das negras em América

	Capítulos totais	Tempo total (em minutos)
Tempo total de exposição oral de mulheres negras	203	42,23
	203	

Fonte: Elaboração própria

Quadro 11 – Tempo dos negros em América

	Capítulos totais	Tempo total
Tempo total de exposição oral de homens negros	203	81,29
	203	

Fonte: Elaboração própria

Ou seja, aqui fica claro que o homem negro ainda possui bem mais tempo na telenovela em estudo do que a mulher. E também é aqui que se verifica uma dupla discriminação, a de raça e a de gênero.

Constatado isso, a curiosidade seguinte foi a de saber se alguma marca, empresa ou produto usava a imagem da negra para publicidade e os resultados encontrados foram:

Quadro 12 – Mulher negra, marcas e produtos

	Frequência	Porcentagem
Não	203	100,0

Fonte: Elaboração própria

Infelizmente, produtos, marcas e empresas não se utilizam de estratégias e formas para que seus produtos sejam mostrados e divulgados por negras e negros, consequentemente. O *Product Placement* não se aplica para estes atores e atrizes por conta de sua pele. Poucas são as empresas que contratam negros para as suas publicidades. O Produto Placement é uma estratégia baseada na introdução natural de marcas, divulgando-os ao mesmo tempo que gera

um vínculo de confiança com o seu público. Aqui surge mais uma evidência de o quanto a emissora de televisão e a sociedade brasileira permanece racista

Mas, afinal qual a ocupação ou profissão da negra nesta telenovela? Os dados abaixo destacam a resposta para esta indagação.

Quadro 13 – Ocupação da negra

	Frequência	Porcentagem
Dona de casa	21	10,3
Dona de casa/aposentada	53	26,1
Atriz	4	2,0
Santa Milagreira	1	,5
Empregada doméstica e estudante	1	,5
Empregada doméstica e dona de casa	2	1,0
Não há	49	24,6
Empregada doméstica, dona de casa, dançarina e atriz	6	3,0
Dona de casa e dançarina	5	2,5
Dona de casa e cabeleireira	3	1,5
Dançarina e empregada doméstica	5	2,5
Santa milagreira, dona de casa	4	2,0
Agricultora	47	23,2
Outras	1	,5
Total	203	100,0

Fonte: Elaboração própria

A negra não possui uma ocupação formal como a dos brancos. Numa rápida comparação com telenovelas de décadas passadas, é perceptível que as ocupações do contingente negro permanecem praticamente a mesma. Elas sempre são domésticas, agricultoras, donas de casa, e outras profissões que não possuem tanto *status*. Pouco se vê uma negra médica, advogada, empresária bem sucedida. A negra sempre vem com papéis inferiores aos brancos, em um nível social, educacional e profissional inferior aos brancos.

Quanto a depender moral e financeiramente de algum homem, foi constatado que em 9,9% dos capítulos ainda ocorre isso de forma explícita, no entanto, 90,1% dos casos não se verificou, conforme registra o quadro a seguir.

Quadro 14 – Dependência moral e financeira em América

	Frequência	Porcentagem
Não	183	90,1
Sim	20	9,9
Total	203	100,0

Fonte: Elaboração própria

Já no que concerne a ocorrência de estereótipos, verificou-se que em 56,2% dos casos ocorre sim e de forma escancarada. Eles ocorrem através de comentários, risadas e atitudes. Vejamos os dados.

Quadro 15 - Há ocorrência de estereótipos?

	Frequência	Porcentagem
Não	89	43,8
Sim	114	56,2
Total	203	100,0

Fonte: Elaboração própria

Portanto, se constata que o pouco tempo de exibição da negra, ausência de falas em um grande quantitativo de capítulos, ocupações inferiores as que os brancos ocupam, alto índice de ocorrência de estereótipos e os demais fatores aqui enfatizados ressaltam o quanto a telenovela *América* foi veiculada sob um viés racista e que supervaloriza uma etnia e menospreza outra. Isso são claros rastros ainda do período escravista que vigorou no Brasil em séculos e que de uma maneira ainda subliminar ocorre e o pobre e negro se depara com dificuldades em um espaço televisivo que deveria prezar pela mistura e harmonia de brancos, indígenas e negros, homens e mulheres. No entanto, não é isso que se verifica.

A seguir, são apresentados os dados da telenovela *O Outro Lado do Paraíso*.

7.2 A telenovela *O Outro Lado do Paraíso*

A telenovela *O Outro Lado do Paraíso*, contou com 172 capítulos. A menor duração registrada em seus capítulos foi de 43 minutos e 40 segundos e de maior duração foi de 76 minutos e 40 segundos. Totalizando exatos 10 036 minutos. O equivalente a 167 horas de programação.

Quadro – 16 Duração dos capítulos em Outro Lado

	Total de capítulos	Menor duração	Maior duração	Total geral
Duração do capítulo	172	43,40	76,40	10.036,00
	172			

Fonte: Elaboração própria

Ao se verificar a presença de mulheres negras, foi constatado que em 36% dos capítulos há ausência de personagens negras, em 31,4% elas estão como figurantes/coadjuvantes e em 28% como figurantes. Observa-se a ausência total de protagonista, tal como ocorreu em *América* e altos números quando se observa a atuação desse contingente em papéis de figurantes. Dando a interpretação de que, a princípio, os anos passaram, porém, a emissora continua agindo de igual forma, conforme dados a seguir.

Quadro 17 - Presença de negras em Outro Lado

	Frequência	Porcentagem
Coadjuvante	7	4,0
Figurante	50	28,6
Figurante/Coadjuvante	55	31,4
Não há	63	36,0
Total	172	100
Total	172	100,0

Fonte: Elaboração própria

Já quando se observa a presença de homens negros, também se observa que ele não aparece em menos capítulos quando compara-se com as negras (18,7%). O negro aparece mais na condição de figurante/coadjuvante (40,6%), seguido por figurante (32%).

Quadro 18 - Presença de negros em Outro Lado

	Frequência	Porcentagem
Coadjuvante	15	8,7
Figurante	57	32,0
Figurante/Coadjuvante	71	40,6
Não há	32	18,7

Total	172	100,0
Total	172	100,0

Fonte: Elaboração própria

No que concerne a relevância da negra, se verificou alguns números que diferem um pouco quando se compara com a telenovela América. Aqui, já se percebe que a negra aparece em grau médio e não apenas em baixa como na novela analisada anteriormente.

Quadro 19 - Relevância de negras em Outro Lado

	Frequência	Porcentagem
Média	12	6,9
Baixa	100	58,3
Não há	63	34,8
Total	172	100,0
Total	172	100,0

Fonte: Elaboração própria

Sobre os ambientes de exposição, em 33,1% dos capítulos, a negra é mostrada em espaços internos, fechados, seguido por ambientes externo e interno (19,4%) repetindo o que também ocorreu na telenovela anterior. Vejamos:

Quadro 20 – Ambientes de exposição em Outro Lado

	Frequência	Porcentagem
Ambientes Externos	23	13,1
Ambientes Internos	58	33,1
Ambiente Externo/Interno	34	19,4
Não há	63	34,4
Total	172	100,0
Total	172	100,0

Fonte: Elaboração própria

Os locais em que a negra aparece, dentro os elencados na ficha para análise, não foram tão distantes da realidade encontrada na telenovela América, assim como alguns itens aqui já postos. Vejamos:

Quadro 21 – Locais de exposição em Outro Lado

	Frequência	Porcentagem
Casa	42	24,0
Escolas ou universidades	32	18,3
Praça	5	2,9
Praia	3	1,7
Favela	2	1,1
Fórum	3	1,7
Barzinhos	6	3,4
Quilombo/Zona Rural	14	8,0
Pontos de Lazer/Turismo	10	5,7
Não há	63	33,2
Total	172	100,0
Total	172	100,0

Fonte: Elaboração própria

Assim, os locais mais comuns as negras em O Outro Lado do Paraíso são a casas (24%), escolas e universidades (18,3%) e quilombo ou zona rural (8%). Os demais locais também retratam uma atitude racista, pois não se encontra negras em empresas, aeroportos, shoppings, restaurantes, bancos e outro. Ora, será que os negros em geral não frequentam esses locais? Ou não deveriam frequentar? Seriam eles exclusivos para os brancos e de poder aquisito considerável?

Em janeiro de 2020, uma notícia ganhou repercussão nacional quando então uma mulher negra denunciou atitudes de racismo e preconceito por parte de uma agência do Banco Itaú. O banco chamou a polícia por achar que ela usava documentos falsos e pelo alto valor que ia sacar da conta. Além disso, Loreнна, a acusada, também relatou que sofreu preconceito ao prestar depoimento numa delegacia relatando o fato aos agentes policiais¹¹.

¹¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/01/31/lorenna-vieira-mulher-de-rennan-da-penha-afirma-que-vai-processar-itaui.ghtml>>. Acesso em: 31 jan.2020.

Assim, as telenovelas da Rede Globo acabam propagando e reforçando ainda mais essas atitudes. Como a negra não aparece em bancos, sendo empresária, movimentando altas quantias, em profissões e postos de trabalhos de destaque, quando ocorrem há estranheza e racismos escancarados.

Quando se compara o tempo destinado aos negros e negras, obtêm-se os números

Quadro 22 - Fala de negros e negras em O Outro Lado

Tempo total de falas (em minutos)	
Mulheres negras (em minutos)	Homens negros (em minutos)
46,42	50,58

Fonte: Elaboração própria

Conforme ocorreu na primeira telenovela analisada, aqui também observamos que o tempo destinado aos homens, embora também seja pouco, é superior ao destinado as mulheres negras. E mais uma evidencia do duplo preconceito, o de gênero e o de raça. As mulheres são ainda mais vítimas do racismo e preconceito do que os homens.

Quando se questiona sobre a publicidade de forma subliminar as negras, se percebe que os mesmos dados se repetem e que produtos, marcas e objetos não são evidenciados a imagem da mulher negra. Sempre são os brancos que ficam com tais atribuições. Deixando claro que as empresas e a direção da telenovela e da TV não quer associar marcas e produtos a negros, conforme dados dos dois quadros abaixo.

Quadro 23 - Mulheres negras, marcas e produtos em O Outro Lado

	Frequência	Porcentagem
Não	172	100,0
Total	172	100,0

Fonte: Elaboração própria

Quadro 24 - Homens negros, marcas e produtos em O Outro Lado

	Frequência	Porcentagem
Não	172	100,0
Total	172	100,0

Fonte: Elaboração própria

A ocupação mais comum em O Outro Lado do Paraíso, foi a de empregada doméstica (24,6%), seguida por cabeleireira e doméstica (9,1%) e manicure e pedicure (8,6%). Vale salientar que nesta novela, uma negra apresenta uma evolução considerável em seu papel. Ela aparece no início da telenovela como empregada doméstica, mas ao final da mesma, se torna uma juíza. Apesar disso, em sua grande maioria, as demais negras possuem ocupações informais e sem muito *status* profissional. Conforme o quadro a diante.

Quadro 25 - Ocupação da negra em O Outro Lado

	Frequência	Porcentagem
Empregada doméstica	43	24,6
Diarista	8	4,6
Estudante	3	1,7
Manicure/pedicure	15	8,6
Cabeleireira	16	9,1
Empregada doméstica e estudante	11	6,3
Dona de casa e cabeleireira	14	8,0
Juíza	3	1,7
Agricultora	4	2,2
Não há	63	33,2
Total	172	100,0
Total	172	100,0

Fonte: Elaboração própria

Por último, a telenovela dedica 10,3% do tempo destinado as negras, para evidenciar uma dependência moral e financeira aos homens a quem elas se relacionam. Pode-se parecer um número baixo, contudo, nem deveria ocorrer. A mulher, negra ou não, precisar mostrar independência em qualquer aspecto e as telenovelas devem trabalhar tais pontos de uma maneira que ela venha combater tais comportamentos e não colaborar para a submissão da mulher ao homem. O quadro em evidência a seguir mostra os dados obtidos em sua íntegra.

Quadro 26 – Dependência moral e financeira da negra em O Outro Lado

	Frequência	Porcentagem
Não	157	89,7

Sim	18	10,3
Total	172	100,0
Total	172	100,0

Fonte: Elaboração própria

Em síntese, observa-se que tanto uma telenovela veiculada há 15 anos (No caso América) ou há três anos (Do Outro Lado do Paraíso), mantém-se os mesmos padrões, costumes, estereótipos e comportamentos quando então possuem negros em suas tramas. Se observa que ambas as telenovelas não chegam sequer a ter dez personagens negras, que o tempo a elas destinado é ainda inferior aos homens negros. O duplo preconceito é perceptível em várias unidades de análise, tais como: tempo, presença, ocupação, locais, ambientes, marcas e produtos publicitários. Enfim, espera-se que após a notificação da Rede Globo feita pelo Ministério Público do Trabalho em 2018, a emissora de fato cumpra todas as medidas e recomendações feitas para a inserção e promoção da igualdade racial em toda a grade de programação da emissora.

Com tais observações e constatando que as telenovelas da Globo são vendidas para diversos países nos mais diferentes continentes, o Brasil, é vendido como um país composto em sua grande maioria por brancos e de classe média, enquanto que os negros em sua quase totalidade são pobres, sem formação educacional e profissão de destaque. Reforçando, portanto, atitudes de racismo e preconceito e se constituindo como um racismo subliminar, não totalmente declarado, mas observado em tempo destinado a esse contingente populacional, papeis e outros aspectos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após realizar todas as inferências com base nos dados apresentados, fica explícito que a ideia do branqueamento e da igualdade racial ainda é algo muito forte e presente no país. A Rede Globo, produtora das telenovelas analisadas, embora vez ou outra discuta a temática e apóie as campanhas de combate ao racismo, se mostra uma empresa totalmente racista e preconceituosa. Os números obtidos da análise ilustram e fundamentam tal afirmação.

Suas telenovelas propagam atitudes racistas e veladas, mostrando uma realidade que não condiz com a realidade social, educacional e econômica do Brasil, além disso, a nação não é composta por maioria branca e de classe média. Muito pelo contrário.

O racismo percebido através da análise das duas telenovelas, reforçam uma ideologia proposta em séculos passados e que propaga um pensamento que sempre, ou na maioria das vezes, atribui características depreciativas aos homens e mulheres negros. O biótipo, origem ou a cor, não devem ser critérios utilizados para avaliar um ser humano.

Por essa razão e por serem as telenovelas uma das coisas que viabilizam o racismo, muitas pessoas acreditam na supremacia de uma raça. Pois é aquilo que a mídia sempre demonstra, e por vezes de maneira velada, disfarçada. Até ocorrem discussão sobre o tema em algumas tramas, mas as próprias emissoras, escritores e diretores não colocam em prática aquilo que discutem e o contingente afrobrasileiro sempre aparece em números ínfimos.

É interessante frisar que a mulher sempre é a que mais sofre, tendo que enfrentar sempre um duplo preconceito: o primeiro por ser mulher e o segundo por ser negra. E, como visto, é difícil encontrar cenas e situação cotidianas que mostrem a mulher na vida pública, usufruindo de seu direito de ir e vir e de viver como quer. Muitas das vezes a mulher é fadada apenas a vida privada, exercendo o papel de dona de casa, doméstica, papel de mãe. Enquanto o homem se encarrega da vida pública, de ser livre e ter mais liberdade para ser e fazer o que lhe é desejo.

É preciso romper com tais amarras. Muitos anos se passaram desde a abolição. As mulheres ganharam direitos, conquistas até então inéditas para o sexo feminino e continuam na luta para ocuparem seus lugares. Porém, essa luta não deve parar, é contínua e cada vez mais deve ser feita através de iniciativas inéditas. Em Outro Lado do Paraíso, até se ver uma negra juíza, contudo ela veio do sítio para ser trabalhadora doméstica na cidade grande e se relaciona com o filho dos patrões.

A identidade da negra continua sendo a mesma de décadas atrás, sempre representada de maneira vulgar ou secundária, sem importância. E isso colabora para o pensamento racista,

pois aquilo veiculado se insere no imaginário social e os telespectadores acabam reproduzindo tais comportamentos quando se deparam com situações parecidas.

É preciso saber interpretar, questionar e cobrar representatividade em nível igualitário entre brancos e negros, homens e mulheres. E só através de uma leitura crítica da mídia é que se oportunizará uma mudança efetiva e progressiva. Vimos que nem o Ministério Público do Trabalho teve seus pleitos atendidos pela Rede Globo, quando então foi solicitada a colocar mais representatividade negra em sua programação.

Nas telenovelas analisadas foram várias as tramas secundárias que também podiam trazer discussões sobre essa temática, pois há espaço e atores e atrizes competentes. No entanto, nem na trama principal nem nas secundárias se observou uma dedicação e valorização da nossa cultura negra para que diminua essa exclusão social negra.

As políticas públicas precisam de mais efetividade e participação popular e que oportunize a inserção do povo negro não só na mídia ou em telenovelas, mas em todos os setores públicos e privados da sociedade para que assim tenha-se igualdade de direitos e oportunidades entre negros e brancos no Brasil.

REFERÊNCIAS

ANTOLA, Livia e ROGERS, Everett. **Television em America Latina**. Quito: CIESPAL, 1984.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

_____. O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. In: ARAÚJO, Joel Zito (Org.). **O negro na TV pública**. Brasília: FCP, 2010

ARBEX, José. **O poder da TV**. São Paulo: Scipione, 1995.

BACCEGA, M. A. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: SENAC, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2009.

_____. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BONFIM, Cláudia. **A condição histórica da mulher: contribuição da perspectiva histórico crítica na promoção da educação sexual emancipatória**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2018.

BOUDIEU, Pierre. A juventude é só uma palavra. In: **Questões de sociologia**. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século Edições, 2002.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). **População negra: números e problemas sociais**. Disponível em: <<https://www.ibge.com.br>>. Acesso em: 20 maio 2018.

_____. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE). **Audiência das telenovelas brasileiras**. Disponível em <<https://www.ibope.com.br>>. Acesso em 18 maio 2018.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**: Brasília: Senado, 1988.

BRUM, Argemiro J. **O desenvolvimento econômico brasileiro**. 28ª ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 2011.

CALDAS, G. Mídia e memória: a construção coletiva da história e o papel do jornalista como historiador do cotidiano. In: BEZZON, L.C. (Org.). **Comunicação, política e sociedade**. Campinas: Alínea, 2006.

CAMPEDELLI, Samira Youseff. **A telenovela**. São Paulo: Ática, 1985.

CARDOSO, Claudia P. **Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras**. 2012. 383 f. Tese (Doutorado) -, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

COSTA, H. **O negro no teatro e na TV**. Rio de Janeiro: EAA, 1988.

D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multi-culturalismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, 1988.

ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. **Introdução à Sociologia.** São Paulo: Edições 70, 1980

FERNANDES, Florestan. **Branços e negros em São Paulo.** São Paulo: Anhembi, 1971.

FERNANDES, Ismael. **Memória da telenovela brasileira.** 4a. ed. revista e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 1987.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 48ª ed. São Paulo, 2003.

FRYDMAN, Liba. **História da TV.** São Paulo: Editora Logos, 1980.

HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

_____. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2007.

JOAQUIM, Maria Salete. **O papel da liderança religiosa feminina na construção da identidade negra.** Rio Grande do Sul: Pallas, 2001.

KEHL, Maria Rita. **Três ensaios sobre a telenovela.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

KOSHIBA, L & PEREIRA, D. M.F. **História do Brasil.** São Paulo: Atual, 1996.

KRIPPENDOFF, K. **Metodologia da análise de conteúdo:** teoria e prática. Barcelona:Paidós, 1990.

MELO, José Marques de. **As telenovelas da Globo:** produção e exportação. São Paulo: Summus, 1988.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf> Acesso em: 19 jul. 2019.

MOTTA, Zezé. Por uma TV pública com visibilidade etno-social – e de gênero! Proporcional “às maiorias minorizadas”. In: ARAÚJO, Joel Zito (Org.). **O negro na TV pública.** Brasília: FCP, 2010.

MOURA, Clóvis, A; BARRETO, Jônatas Nunes (Orgs.). **A Fundação Cultural Palmares na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata.** Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2002.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. São Paulo: Global, 1988.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma L. **O negro no Brasil de hoje.** São Paulo: Global, 2006.

MUNANGA, Kabengele. **Estratégias e políticas de combate à discriminação racial.** São Paulo: EDUSP, 1996.

NABUCO, Joaquim. **Que é o abolicionismo?** São Paulo: Penguin Classic Companhia das Letras, 2011.

NASCIMENTO, Abdias do. **Processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLABUENAGA, J.I. R.; ISPIZUA, M.A. **La descodificacion de la vida cotidiana:**metodos de investigacioncualitativa. Bilbao: Universidad de Deusto, 1989.

REGO, Valdeloir. **Capoeira Angola:** Ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro:** evolução e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravos, roceiros e rebeldes.** Trad. Jussara Simões. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco:** raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Tradução de Donaldson M. Garschagen. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Cláudio Mello. **15 anos de história.** Rio de Janeiro: Editora Globo, 1984.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala.** Petrópolis: Vozes, 1977.

REDE GLOBO LTDA. **Memória Globo:** Novela América. Disponível em:<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/america/tramas>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

WIEVIORKA, M. **II razzismo.** Tradução de Cristiana Maria Carbone. Roma-Bari: Laterza, 2000.

WIMMER, R. D; DMINICK, J. R. **A investigação científica nos meios de comunicação:** uma introdução aos seus métodos. Barcelona: Bosch, 1996.